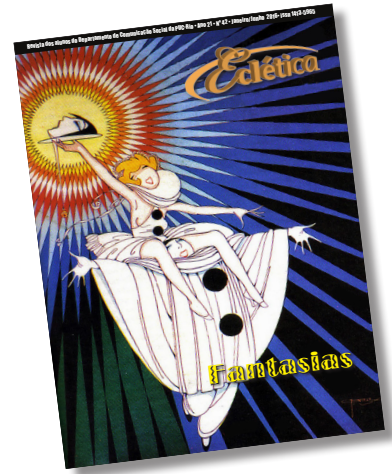


Primeiras Palavras

DAVI RAPOSO E LOLA FERREIRA



Andy Warhol foi um artista à frente de sua época. Ele uma vez disse que “com o mundo mudando tão depressa, não existe a chance de encontrar a imagem de sua fantasia quando você estiver pronto para ela”. O grande nome da pop art previu, na década de 1980, as grandes mudanças que a pós-modernidade iria trazer ao ser humano, dentre elas a perda de seu olhar fantasioso. Diante de uma sociedade com tecnologia desenvolvida, informações instantâneas e baixo grau de imaginação, o homem vive a era da realidade excessiva.

Porém, a fantasia nunca se desassocia do homem. Tal qual a ficção, o homem sonha de olhos abertos constantemente, procurando seu refúgio em um mar de preocupações e tarefas. A pós-modernidade trouxe ao homem novos métodos para saciar seus anseios mais profundos e secretos, enquanto a realidade disputa a atenção com o ímpeto do desejo.

A rotina intensa da cosmopolita metrópole carioca entra em conflito com a fantasia do Carnaval em meados de fevereiro. Ou então com o time do aficionado. Talvez até com o imaginário popular da sensualidade da mulher carioca de biquíni em Ipanema. A fantasia vive dentro de cada um e se manifesta de diferentes maneiras, em múltiplas esferas. Nas artes, podemos ver a fantasia no cinema, no teatro, na televisão e também na literatura infantil de Monteiro Lobato. Tudo é realidade, tudo é fantasia.

Como Machado de Assis brilhantemente escreveu em seu célebre livro *As memórias póstumas de Brás Cubas*, a realidade, às vezes, nos obriga a viver a rotina nua e crua, mas quando observamos o psique de cada um vemos a fantasia lá, bem escondida pelo filtro da realidade: “Não se irrite o leitor com esta confissão. Eu bem sei que, para titilar-lhe os nervos da fantasia, devia padecer um grande desespero, derramar algumas lágrimas, e não almoçar. Seria romanesco; mas não seria biográfico. A realidade pura é que eu almocei, como nos demais dias...”.

Sumário

FANTASIAS DA INFÂNCIA	2
A FANTASIA NA LITERATURA DE MONTEIRO LOBATO	6
O EU NO OUTRO: A FANTASIA DO CINEMA	10
FANTASIA – ALEGORIA E PERFORMANCE NO CARNAVAL	14
ALERTA: TABU!	18
O ATOR E A CRIAÇÃO DO PERSONAGEM	24
A FANTASIA NO PSIQUISMO HUMANO	28
AS FANTASIAS DA PAIXÃO	34
A FANTASIA NO OUTRO	38
CARTEIRA ASSINADA PELA FANTASIA	43



ECLÉTICA É UMA REVISTA SEMESTRAL DOS ALUNOS DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PUC-RIO. ESSE NÚMERO FOI PRODUZIDO PELA TURMA DE 2016.1 DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, HABILITAÇÃO EM JORNALISMO, DA DISCIPLINA DE EDIÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO.

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO Social
PROF^a. ANGELUCCIA HABERT

CORDENAÇÃO EDITORIAL,
PROF. FERNANDO SÁ

PROGRAMAÇÃO VISUAL,
PROF. AFFONSO ARAUJO
Capa: Ilustração de J.CARLOS

ALUNOS EDITORES
DAVI RAPOSO E LOLA FERREIRA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
RUA MARQUÊS DE S. VICENTE, 225 – ALA KENNEDY
6º ANDAR – GÁVEA – RIO DE JANEIRO – RJ
CEP: 22453-900 – TEL.: (21) 3527-1603

Fantasia da infância



Papai Noel é um dos mitos importantes para o desenvolvimento de valores éticos na educação das crianças

Seja no mito do Papai Noel ou no vestido de princesa, a fantasia está presente em diversos âmbitos da vida das crianças

JULIANA BARANOWSKI E YULLE ARAUJO

No Dicionário, ser criança é “1. ser humano no período da infância; menino ou menina; 2. pessoa que se entretém com coisas pueris ou não trata os negócios com seriedade”. De fato, alguém já viu alguma criança se interessar por assuntos sérios? Criança gosta mesmo é de fantasia, de mergulhar no mundo mágico

dos contos de fadas, super-heróis e monstros. O legal é se vestir do seu personagem favorito e imediatamente ganhar superpoderes. Mas até que ponto permitir que a criança viva no mundo da fantasia é saudável?

Seja Papai Noel ou Coelhoinho da Páscoa, todo adulto lembra de algum mito que acreditou quando era criança. Durante a infância, pais e educadores criam fantasias na mente dos pequenos para estimular o desenvolvimento do imaginário. Mas, qual será a real importância desses mitos para a formação das crianças? A psicóloga e psicopedagoga, Silvia Antunes Elias, realiza atendimento clínico de crianças e adolescentes há 16 anos e explica que a fantasia é fundamental para que elas co-

mecem a compreender o mundo que está à sua volta. “A criança tem noção do real, mas utiliza a fantasia para dar significado ao que sente. Isso se deve ao fato de a criança ainda não possuir o raciocínio lógico construído, o que lhe permitiria diferenciar o real do imaginário. Por isso ela usa a representação e as fantasias para explicar o mundo à sua volta”.

É importante ressaltar que cabe à família se aproveitar dos mitos para conversar sobre assuntos importantes que talvez não pudessem ser compreendidos de outra forma. “Até os seis anos, a criança ainda não compreende o mundo da mesma maneira que os adultos. A fantasia se mistura ao real, habita seu aprendizado, suas relações e a forma como ela compreende o mundo”, explica

Silvia. Uma lenda como a do Papai Noel, por exemplo, ajuda a ensinar muitos valores éticos e morais às crianças. O bom velhinho que traz presentes no Natal às crianças que se comportaram bem durante o ano ajuda a transmitir percepções fundamentais como amor, amizade, cooperação e solidariedade.

No entanto, a descoberta da verdade sobre essas histórias também é de extrema importância para o desenvolvimento infantil. A distinção entre o mundo da fantasia e a realidade deve ser feita pelos pais na medida do necessário, do desenvolvimento da criança. “A partir dos sete anos, esses mitos ainda provocam muito interesse, porém não são mais necessários como apoio e se persistirem podem gerar dificuldade de lidar com um determinado conflito. Acreditar diz respeito a uma determinada fase de desenvolvimento, onde as fantasias estão presentes. Duvidar e descobrir a ficção são partes de outra fase, o que mostra crescimento”, aponta Silvia.

Fantasias x medo

E quanto aos mitos assustadores? Por que pais e educadores contam histórias que dão medo nas crianças? Algumas pessoas podem achar que essa é apenas uma estratégia dos pais para fazer os filhos serem disciplinados, temendo os monstros que podem puni-los caso não os obedeçam. No entanto, segundo a psicóloga e autora do livro *Como educar meu filho* Rosely Sayão, estes mitos podem ser uma ferramenta importante para que as crianças aprendam a reconhecer e reagir ao medo.

Rosely explica que por meio da fantasia das histórias as crianças



Phillip, com um ano de idade, já se divertia fantasiado

passam a distinguir, por exemplo, o medo que protege, ou seja, aquele que a ajudará a se desviar de situações de risco, do medo exagerado que congela. Aquele negativo, que paralisa e que exige superação.

É experimentando os mais variados medos através das fantasias que a criança vai perceber que alguns precisam ser respeitados, pois a ameaça é um perigo para elas. E outros, como o muito comum medo de escuro, por exemplo, é somente fonte do imaginário da criança, estimulando que ela desenvolva a habilidade da coragem para enfrentá-lo.

Além disso, a psicóloga Silvia Antunes aponta que esses personagens são tão importantes quantos os bons. Com esses mitos as crianças percebem não só a existência do medo, como dos obstáculos e das frustrações. “As histórias infantis, com seus personagens e enredos, não costumam criar conflitos ou traumas. Ao contrário, essas fantasias ajudam a criança a encontrar caminhos para entender e superar,

ainda que temporariamente, o que sente”, revela.

Fantasia dos pés à cabeça

Toda criança gosta de se vestir como os personagens que admiram e isso é tão comum quanto brincar. Para a criança este é um ato de diversão, é quando ela imagina ser aquela princesa ou super-herói do mundo fantástico que ela cria ou reproduz. Mas na verdade, se fantasiar é mais do que isso. Através da fantasia a criança começa a lidar com seus sentimentos e aprender a controlá-los. Para a psicóloga Rosângela Martins, é nesta fase que elas buscam inconscientemente uma forma socialmente aceita para descarregar sua energia agressiva. “A fantasia ajuda a criança a entender o que se passa ao seu redor, contribuindo também para formação da sua personalidade. A criança expressa suas preocupações através dos personagens que escolhe e das histórias que cria”, explica.

A ideia de se fantasiar também



Priscila e Philip brincando

começa com a admiração que a criança desenvolve ao observar. Até 2 ou 3 anos de idade ela expressa isso pela imitação e só depois essa tendência se transforma no ato de querer ser aquela pessoa ou personagem fictício, mas já entendendo a diferença entre mundo da fantasia e mundo da realidade. Essa é a fase do jogo simbólico, segundo especialistas, uma etapa especial do crescimento, quando a criança começa a vestir fantasias e incorporar personagens que a ajudam a desenvolver a imaginação e a expressão emocional. Esse fator ajuda na resolução de conflitos internos e externos.

Hoje em dia é comum ouvir histórias de crianças que gostam de se vestir com roupas do sexo oposto, o que pode causar desconfor-

to para alguns pais. No entanto, nem sempre isso significa que o menino quer ser menina ou vice-versa. Esse desejo é muito relacionado, inclusive, à admiração desenvolvida pelos pais.

Priscila Quintanilha é mãe de Phillip, de 5 anos e ela conta que ele é uma criança muito criativa e cria muitos personagens usando acessórios dela ou as roupas dele mesmo. “Outro dia vi que ele estava com um chapéu de sol meu e salto alto. Me disse que era um ‘cavaleiro misterioso’ e que seus super-poderes estavam nos pés (se referindo ao sapato de salto), ele dizia pela casa ‘posso pisar em você se me atacar’”, contou ela.

É importante estimular a imaginação da criança, isso não a tira da realidade, só a ajuda a entender melhor a sociedade em que

vive. A inventividade mora na infância e se manifesta o tempo todo. Quando bem trabalhada ajuda no desenvolvimento e no amadurecimento da criança.

Fantasiar para aprender

As escolas têm um papel muito importante no desenvolvimento da imaginação dos pequenos. É através de histórias e atividades lúdicas que eles aprendem como viver em sociedade e a se relacionar com o outro. A professora de educação física Marcia Suênia trabalha com crianças há quase 30 anos e conta que sempre estimulou a imaginação dos seus alunos. “Faz parte do meu trabalho desenvolver a criatividade deles e através de brincadeiras lúdicas ensinar conceitos e valores importantes para que se tornem indivíduos melhores”, explicou ela.

Desde brincadeira de roda como “Ciranda cirandinha” e “O cravo brigou com a rosa” até fantoches, a professora utiliza tudo o que a criatividade permite para encantar seus alunos e estimular a interação entre eles. O teatro de fantoches e outros jogos de dramatização como o faz-de-conta ajudam a criança na construção da sua identidade. Através dessas brincadeiras ela pode representar vários papéis sociais diferentes por meio de personagens. Nas mãos da criança o fantoche ganha vida, uma identidade e uma personalidade e a criança experimenta isso através da sua criação. “Eles mesmos podem confeccionar, fazemos juntos na aula. Usamos objetos simples como meia, ou até mesmo papel, depois criamos juntos uma grande



O lúdico e a brincadeira têm um papel muito importante na formação dos pequenos

história”, contou ela.

A princípio essas brincadeiras podem ser desprezíveis, mas são a expressão dos conflitos das crianças e uma ótima maneira dos pais conhecerem melhor seus filhos. Nas atividades lúdicas na escola, as crianças podem estimular não só a imaginação como a convivência em grupo. O coletivo é estimulado através da combinação das regras das brincadeiras, desenvolvendo também as percepções de solidariedade e cooperação.

Para a psicopedagoga Dolores Ábellas, se fantasiar na infância ajuda a criar uma identificação pessoal com algum personagem. “Além de possibilitar no estímulo educacional, para que eles aprendam o conteúdo ensinado na escola, também é uma forma de conhecerem características, seja do herói ou da princesa, que admirem, definindo a partir disso um personalidade própria.”

Incentivar a criatividade é importante para que a criança se torne um adulto mais capaz de se reinventar de acordo com as adversidades naturais da vida. Para Dolores, o melhor momento de trabalhar a parte lúdica do cérebro é na infância. “É durante esta fase que a criança começa a observar e compreender o mundo, fazendo pequenas reflexões por assimilação. Os contos de fada e histórias de super-heróis servem como exemplos para ela, que já começa a discernir o que é certo e errado segundo as regras da ficção e que não deixam de ser convenções sociais.

Outro ponto positivo das atividades lúdicas é, segundo a psicopedagoga, a inclusão de pessoas com deficiência ou dificuldade

na aprendizagem. “A fantasia é usada nas escolas também com o intuito de oferecer condições para as crianças que têm alguma dificuldade na aprendizagem escolar ou alguma deficiência, esta tem sido uma maneira bastante eficaz

de inclusão. É através da imaginação que a criança compreende o mundo real e explora as mais diversas situações sem ter vivido nenhuma delas, este fator amplia o horizonte dela para novas interpretações”, afirmou Dolores. 🚗

Para saber mais

- **Como compreender e lidar com os medos infantis:**
• <http://br.mundopsicologos.com/artigos/os-medos-infanti>
- **Mais informações sobre a importância dos personagens do universo infantil:**
• <http://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/filhos/importancia-dos-personagens-universo-infantil/>
- **Origem do mito do Papai Noel:**
• <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/cronica/a-verdadeira-historia-do-papai-noel/>
- **Assuntos diversos sobre infância e maternidade:**
• <http://demaeparamamae.com.br/>

A fantasia na Literatura de Monteiro Lobato

Como Monteiro Lobato, através de suas histórias, criou uma forma de identificação com o público

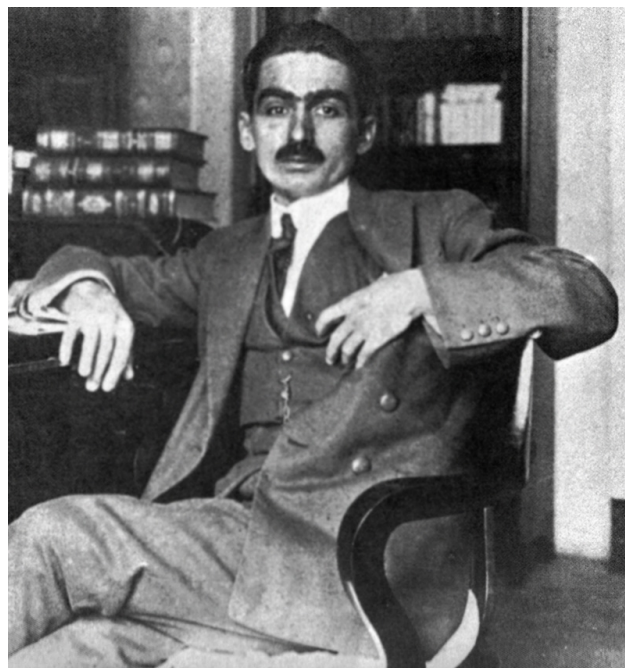
DANIEL LOBO E RAYSSA RANAURO

“Tudo vem dos sonhos. Primeiro sonhamos, depois fazemos.” Essa passagem ficou famosa na boca de um dos mais influentes escritores brasileiros. Ela está enraizada na maioria de suas obras literárias, que fazem referência a um mundo fantasioso e folclórico. Estamos falando de Monteiro Lobato, o escritor considerado o maior nome da Literatura Infantil Brasileira, afamado por livros como *Reinações de Narizinho*, *Caçadas de Pedrinho* e a série *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

Monteiro Lobato acreditava que as fantasias que residem no imaginário das pessoas seriam uma alternativa eficiente para consertar as mazelas existentes no mundo. Para ele, a infância é a grande semente dessa riqueza, que, aos poucos, vai sendo drenada pela realidade cristalizada. Motivado por ser um modelo de inspiração para seus filhos pequenos, e não apenas alguém que repetisse os parâmetros impostos pela sociedade, Monteiro Lobato começou a escrever literatura e a se deliciar com ela. Através de seus contos e histórias, o autor pôde ensinar seus filhos a terem liberdade de pensamento e responsabilidade com os demais.

A história

O escritor nasceu em 18 de abril de 1882, em Taubaté, São Paulo. Criado em um sítio, Monteiro Lobato foi alfabetizado pela própria mãe e, mais tarde,



Monteiro Lobato

por um professor particular. Ainda criança, ele começou a escrever pequenos contos para os jornais das escolas que frequentava. Essa facilidade veio por influência de seu avô, o Visconde de Tremembé, dono de uma biblioteca que ficava situada no interior da fazenda em que morava. A partir disso, Monteiro Lobato começou a cada vez mais ler e se interessar por literatura infantil. Ele também tinha facilidades com o desenho e, mais tarde, viria a se tornar desenhista e caricaturista.

O escritor formou-se bacharel em Direito, em 1904 e, três anos depois, foi nomeado promotor público em Areias. Publicou artigos no jornal o Estado de S. Paulo, incluindo uma enorme pesquisa sobre o Saci. Em 1918, lançou seu primeiro livro de contos: *Urupês*, dando início a uma longa jornada dedicada a criar histórias infantis.

Entre seus personagens mais conhecidos estão Emília, uma boneca de pano com sentimento e ideias independentes; Pedrinho, neto de Dona Benta e personagem que o autor se identifica quando criança; Visconde de Sabugosa, a sábia espiga de milho que tem atitudes de adulto; Narizinho, menina de nariz arrebitado, moradora do sítio e também neta de Dona Benta, entre tantos outros, que, juntos, foram transformados na série *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, que até hoje é lido por crianças e adultos.

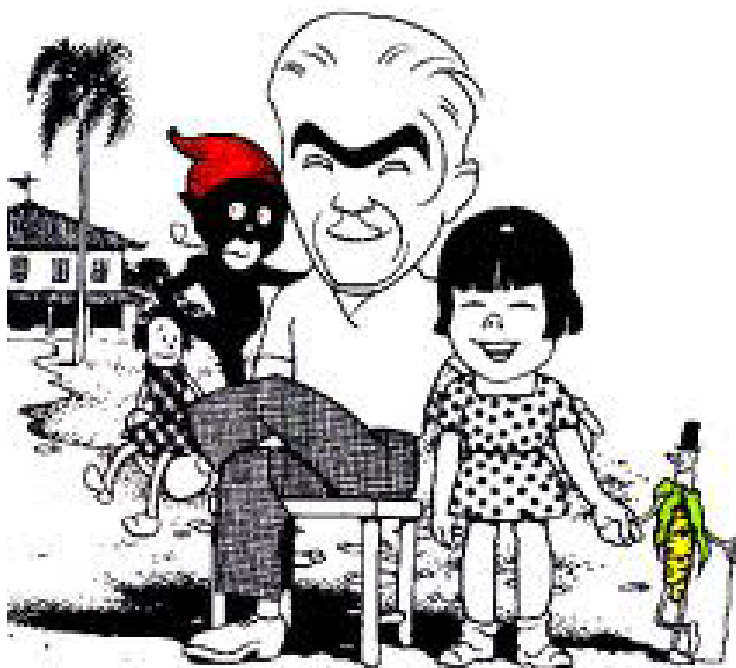
Mestre da literatura infantil, antes de começar a escrever seus livros, Monteiro Lobato traduzia obras publicadas em Portugal. Este foi um passo importante em sua carreira, pois definiu o seu principal estilo de escrita: simples e didático. A partir disso, começou a explorar seus conhecimentos e formar seu padrão literário.

Contudo, sua identificação com mundo infantil só veio mesmo no início do século XX. Justamente nesse período, as obras infantis que chegavam ao Brasil vinham de Portugal e eram mal traduzidas, tornando sua compreensão difícil para uma criança.

Em cartas enviadas a seu colega e também escritor Godofredo Rangel, Monteiro Lobato criticava a forma como as traduções de obras infantis eram feitas. Em casa, sua mulher, Maria Pureza, mais conhecida como Purezinha, lia os contos para seus filhos. O escritor os definia como demasiadamente “impenetráveis e espinhentos”. “Aquilo simplesmente não podia ser lido para crianças”, dizia Monteiro Lobato. Ainda em suas cartas, o escritor disse que seu maior sonho era de vestir o nacional, isto é, transformar esses contos chegados de Portugal em uma literatura autêntica brasileira. Mal sabia ele que esse sonho se realizaria posteriormente.

A doutora em Letras e Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, e criadora do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) no Brasil, Eliana Yunes, conta que o autor apostou no diálogo com a infância por conta de seu gosto lúdico. Contudo, ela afirma que as obras de Monteiro Lobato foram consideradas indevidas para as crianças na época em que foram lançadas. “Na década inicial da criação do Sítio, as críticas da Igreja e do Estado levaram a uma recomendação de colocá-lo longe das crianças por suas ideias nietzschianas de verdade e por seu enfrentamento de dogmatismos morais e acadêmicos”, conta a professora.

Mesmo assim, as crianças já haviam escolhido o



Monteiro Lobato e seus personagens por Belmonte

autor como interlocutor de seu mundo fantasioso. Segundo Eliana, Monteiro Lobato conseguiu criar no imaginário popular, tanto dos adultos, como das crianças, uma forma de identificação cotidiana.

Obras que chamam atenção

Ao longo dos anos, Monteiro Lobato foi construindo uma diversa e vasta coleção de publicações de livros infantis e adultos. Muitos deles, no início, tinham suas próprias histórias, mas depois foram incluídos em um conjunto que é, até hoje, a obra mais conhecida do autor: o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

Francisco Camelo, formado em Letras pela PUC-Rio e, atualmente, pós-graduando em Literatura e Cultura na Contemporaneidade, com ênfase nas obras de Monteiro Lobato, classifica o livro *Reinações de Narizinho*, publicado em 1931, como o pontapé inicial para a criação da série e por aproximar o conceito de fantasia com a literatura do autor.

Contudo, apesar da grandiosidade da obra do Sítio, Camelo conta que seu livro preferido do escritor é pouco conhecido do público em geral. A *chave do tamanho*, publicado em 1942, fala de uma aventura da boneca Emília que tenta acabar com os horrores trazidos pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Nessa narrativa, ela decide ir até o “fim do mundo” e girar a chave que irá parar com as guerras, mas, por acidente, acaba girando a chave do tamanho. Por causa disso, todos os seres-humanos são reduzidos a um tamanho mínimo. Assim, Emília passa toda a história tentando arranjar um jeito de consertar o seu erro. “A partir de um conto real e do uso da fan-



Obras Infantis



Exposição de Monteiro Lobato na Cátedra Unesco

tasia, o livro exemplifica ainda mais o conceito, relacionando, neste caso, o uso da realidade da época com o imaginário”, afirma Camelo, que conta que o livro demonstra uma melhor relação entre imaginário e realidade.

Relação entre ficção, folclore e fantasia nas obras do autor

Podemos dizer que toda literatura ficcional apresenta um teor de fantasia em suas histórias. Nas obras de Monteiro Lobato essa afirmativa ganha força devido a um mundo totalmente novo e imaginário criado pelo autor. Mas não só isso.

Através dos mitos e lendas produzidos pelo imaginário popular brasileiro, Monteiro Lobato conseguiu criar relações de identificação e de aproximação com seus leitores e tal mundo. O folclore, assunto pouco estudado na academia, ganhou relevância ao ser abordado pelo autor, já que possibilitou o conhecimento e o entendimento sobre o assunto e, até mesmo, sobre outros temas. Ou seja, além da própria ficção por si só, Monteiro Lobato se utilizou de histórias fantasiosas já existentes na cultura brasileira para compor seus contos.

Devido à sua relação de curiosidade pelo mundo infantil e pelos sonhos, o autor também se utiliza de artifícios para caracterizar tal universo, como, por exemplo, a viagem no tempo e as próprias narrativas produzidas e imaginadas na mente de seus personagens que, por si só, já formam uma história.

Foi buscando uma maior identificação com o universo infantil que Monteiro Lobato fez a junção de algumas de suas histórias, criando, assim, o conjunto de contos *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. A série já foi adaptada inúmeras vezes para a televisão, sendo mais conhecida a versão de 2001 da TV Globo. Segundo Eliana Yunes, a série tem o intuito de criar uma mentalidade mais libertária e menos bitolada nas crianças. “Justamente pensando numa literatu-

ra que as crianças pudessem amar, em um cenário longe da escola didatizante e perto das relações afetivas mais libertas como as de uma avó sábia ou de uma amiga com as quais pudessem dialogar, aprender e ensinar”, afirma a doutora ao se referir ao porquê da criação do Sítio.

O pós-graduando em literatura, Francisco Camelo, exemplifica ainda que a fantasia pode ser compreendida de outras maneiras nas obras do autor como, por exemplo, no livro *A chave do tamanho*, já citado anteriormente, em que há uma mistura de realidade histórica (Segunda Guerra Mundial) com o mundo imaginário que a personagem Emília se aventura (fim do mundo).

Outro exemplo citado por ele é o conto em que Narizinho viaja para o reino das Águas Claras e passa por um monte de aventuras e descobertas. Em certo ponto, a voz da personagem Tia Anastácia é ouvida ao fundo, chamando Narizinho, pois Dona Benta está procurando por ela. Subitamente Narizinho retorna à “realidade”. O narrador da história, então, explica para o leitor que tudo vivido por Narizinho não passava de um sonho.

“Logo, a realidade ocupa um lugar secundário no conto, pois a fantasia ocupa um lugar de maior destaque para a personagem”, define Francisco.

O personagem

Francisco Camelo decidiu estudar Monteiro Lobato por conta de sua infância. Segundo ele, sua primeira ligação com o autor foi “um pouco traumática”. Ele explica que desde pequeno gostava de ler livros e que um dia, ao ir à biblioteca de sua escola, a bibliotecária recomendou a leitura de *Os 12 trabalhos de Hércules*, uma das obras de maior sucesso de Monteiro Lobato por abordar os conhecimentos da mitologia grega, de modo que as crianças pudessem entender mais sobre esse tema.

Em pouco menos de dois dias, Camelo acabou os dois volumes e retornou para a biblioteca. Ao



A boneca Emília em diversas versões de ilustradores e a personagem na versão televisiva pela atriz Isabelle Drummond

ser questionado pela bibliotecária pelo término do livro em tão pouco tempo, Camelo comprovou através de respostas às perguntas da moça que realmente havia lido e que havia gostado. Desde então, Monteiro Lobato nunca mais saiu da vida do pós-graduando. De acordo com Camelo, recorrer ao escritor e às suas obras em seu estudo de Mestrado traz um gosto saudoso de lembrança. “Retomar o Monteiro na graduação foi uma tentativa de acertar contas com meu passado e também contribuir com uma fortuna crítica de Monteiro. Ele tem uma obra vasta que abre caminhos que ainda não foram percorridos”, afirma.

A boneca Emília

São muitos os personagens nas histórias do Sítio. No entanto, não há dúvidas de que a boneca Emília é uma das mais emblemáticas e importantes entre seus personagens. Para Francisco Camelo, o fato de uma boneca falar tudo o que pensa e de possuir esse caráter ambíguo e de hibridiz (misto de humanidade e desumanidade) são os principais motivos que fazem dela a favorita do público e do próprio pós-graduando.

Em cartas direcionadas para Godofredo Rangel, Monteiro Lobato afirma que, enquanto escrevia seus contos, era como se Emília tivesse tomado forma viva. Nas próprias palavras do escritor: “ela tomava o controle da situação”. É notável que a boneca passou a ter um sinal de existência não somente nos livros, mas também na vida presente e no imaginário do autor.

Imaginário popular

Mas outros famosos personagens de Monteiro Lobato até hoje são lembrados na cultura popular. Para Francisco Camelo, o objetivo do escritor era utilizar os costumes da cultura brasileira como inspiração na criação dos protagonistas, com o intuito de aproximar as obras do público, isto é, de criar uma relação de identificação. Ao colocar em suas histórias personalidades e costumes nacionais haveria uma maior facilidade dos leitores de assimilar tal conteúdo.

Para Eliana, mais que causar uma identificação com o público, Monteiro Lobato queria, antes de tudo, propagar seus ensinamentos de forma consciente, a fim de contribuir para a formação das pessoas.

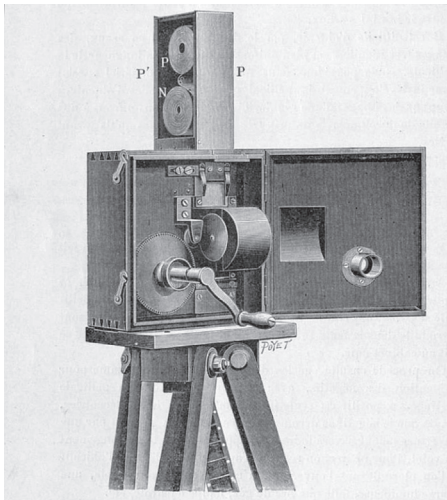
“Ele era um homem de letras e de ação, de reflexão e compromisso com uma educação libertária e pensante, sem pedagogismos e sem manipulação. Tinha uma visão cidadã de mundo e, com todas as diferenças em relação a seus contemporâneos, foi capaz de respeitá-los e promovê-los, enfrentando com dignidade e coragem as futricas do poder econômico, político e intelectual”, afirma.

Monteiro Lobato sofreu dois espasmos cerebrais e, no dia 4 de julho de 1948, virou “gás inteligente” – modo como costumava definir a morte. Morreu aos 66 anos de idade deixando uma vasta obra para crianças e adultos, e o exemplo de quem passou a existência sob a marca da contestação. 📖

Para saber mais

- http://www.labpac.faed.udesc.br/monteiro%20lobato%20e%20o%20folclore_ivam%20vale%20de%20sousa.pdf
- <http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/sitiodopicapau/>
- <http://www.overdadeirositiodopicapau.com.br/>
- <http://museumonteirolobato.com.br/>

O Eu no Outro: a fantasia do cinema



O cinematógrafo dos irmãos Lumière foi o embrião do cinema como conhecemos hoje

CAIO SARTORI E DAVI RAPOSO

No cinema, a fantasia existe desde sua concepção. No final do século XIX, em 1895, os irmãos franceses Louis e Auguste Lumière inventaram aquela que viria a ser considerada a sétima arte. Com uma engenhoca chamada cinematógrafo, ao mesmo tempo projetor e filmador, os franceses fizeram pequenos documentários em curta metragem. O mais emblemático foi *Sortie de L'usine Lumière à Lyon*, que mostrava trabalhadores saindo da fábrica rumo à estação de trem. O filme tem apenas 45 segundos de duração, mas, na época, foi o suficiente para causar fixação e espanto nos espectadores, que, intrigados, imaginavam que o trem sairia da tela e os atropelaria.

Após a invenção dos france-

ses, a experimentação começou a fluir dentro do cinema. George Méliès, conterrâneo dos irmãos Lumière, resolveu fazer a façanha de misturar ficção com o uso de maquetes, truques ópticos e efeitos teatrais especiais na hora de fazer um filme. *Le Voyage Dans La Lune* (1902) foi uma experiência empírica, na qual o diretor procurou suas próprias influências em autores como Júlio Verne (*Da Terra à Lua*) e as colocou em prática dentro de nove minutos de projeção. Tudo isso com o intuito de aperfeiçoar a experiência de imersão, que o público teria ao assistir à película.

A questão do ser

Ao longo dos anos, porém, a questão da imersão e da identificação foi sendo ampliada, e, com o tempo, até abordada pelo próprio cinema. Trata-se da

metalinguagem. Um dos filmes mais emblemáticos do estilo é *A rosa púrpura do Cairo* (1985), do diretor norte-americano Woody Allen. Na trama, Cecília (Mia Farrow) é uma moça humilde em meio à Grande Depressão norte-americana. A fim de fugir daquela realidade triste e alienatória, em que os sonhos e a perspectiva de vida se esfacelam diariamente, ela busca refúgio no cinema, onde sua imaginação vai além e lhe permite seguir em frente com um pingo de esperança.

Essa imersão extrema pode ser vista sob diferentes óticas, de acordo com a psicanálise. Para a psicanalista Madalena Sapucaia, o que o diretor tentou passar foi que nossas fantasias nos constituem e nos acompanham, seja no cinema ou fora dele. Ela dá como exemplo a capacidade que temos de conceber em nossos pensamentos diálogos ainda inexistentes – uma discussão de relacionamento, uma conversa reveladora com nossa mãe ou qualquer outra coisa. É o que a psicanalista chama de “diálogos psíquicos”.

Mas, a partir do momento em que as obras audiovisuais passam a nortear a vida da pessoa – como ocorre no filme em questão –, o caso pode ser entendido como um surto psicótico, aponta Madalena. “Eu conheço um rapaz que teve um surto psicótico



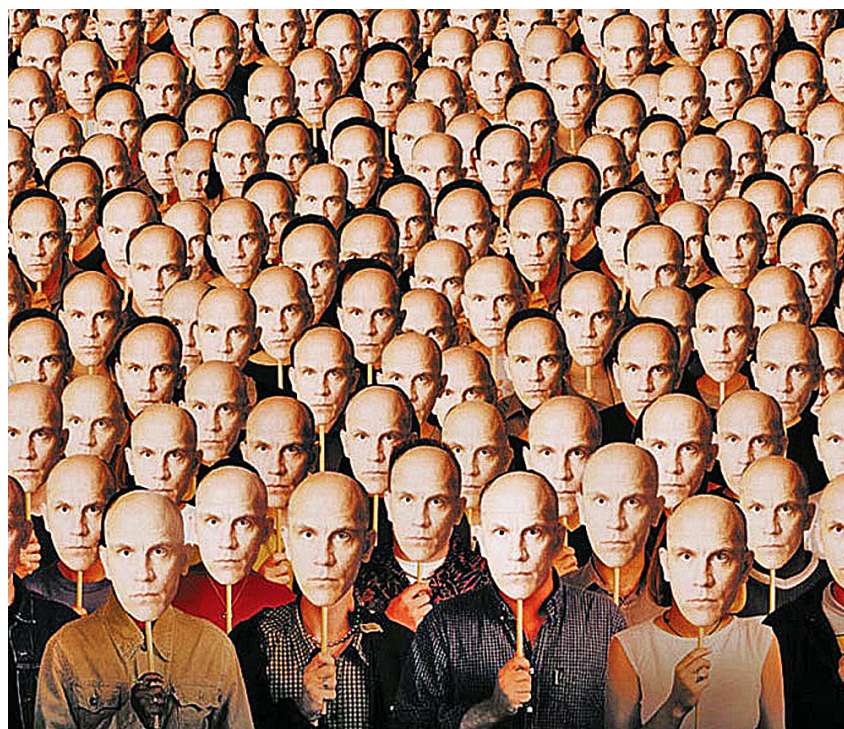
A existência ordinária leva a um refúgio cinematográfico em *A rosa púrpura do Cairo*

e achava que tudo na televisão era para ele, estava ali conversando com ele. No filme, você também pode dar essa vertente de que ela é surtada”, explica.

Antes da consagração com *Adaptação* (2002), o diretor norte-americano Spike Jonze fez um ousado *debut* com um dos trabalhos cinematográficos mais emblemáticos das últimas décadas: *Quero ser John Malkovich* (1999). Tido por muitos como bizarro e sem sentido, o filme foi sucesso de crítica ao fazer uma verdadeira parábola contemporânea sobre identidade, mediações, avatares e reencarnação por meio de pessoas que querem encontrar a felicidade no corpo de outras.

A premissa do filme parte de um desejo psicanalítico e inconsciente das pessoas de criar fantasias sobre novas realidades. Ser aquela pessoa com o carro do ano, físico invejável, personalidade forte e dominadora – enfim, tudo o que dentro de sua análise pessoal falta em si. A partir daí, somos apresentados ao protago-

nista Craig, um tinteiro – pessoa responsável por carregar tintas em canetas – infeliz e desempregado. Quando encontra um novo emprego, ele descobre um portal que dá acesso à mente do famoso ator John Malkovich por um pequeno espaço de tempo.



Em *Quero ser John Malkovich*, a possibilidade de viver como um astro do cinema fascina os personagens

O personagem começa, então, a vender esse acesso para todas as pessoas com o desejo de viver a vida de alguém mais relevante e importante. Projeta-se o Eu no Outro, com a intenção de tornar a existência – e sua dimensão absurda – menos banal e ordinária. Qualquer semelhança com *A rosa púrpura do Cairo*, guardado o contexto da história de cada filme, não é mera coincidência.

Spike Jonze é um dos diretores da atualidade que mais trabalham a fantasia no cinema. Seu filme mais recente, *Ela* (2013), lhe rendeu um Oscar de melhor roteiro original ao criar um mundo futurista no qual as pessoas têm relações afetivas com sistemas operacionais de computador. O delírio de haver uma relação humana entre um homem e uma máquina dá o tom



Serviços de streaming e novas tecnologias transformaram o fator ritualístico da sétima arte

de crítica ao mundo pós-moderno ao mostrar como ele revela a escassez de afeto na sociedade.

Ao mesmo tempo, porém, *Ela* levanta outra hipótese: se amamos tantos elementos criados pela cultura pop ao longo dos anos – filmes, séries, personagens, músicas –, por que não amar e se identificar com uma máquina programada? O ser humano, na visão do crítico Pablo Villaça, tem a necessidade de amar, mesmo com a certeza de que o objeto amado não é real. “Os protagonistas de todos estes momentos podem ser ficcionais, mas o arrepio na espinha, o acelerar do coração e a lágrima que provocam são inquestionavelmente reais”, escreve.

Disrupção: a “ejaculação precoce” do ritual

Hoje, mais de um século depois do cinematógrafo, vivemos um movimento de digitalização do cinema. Em 2014, a Paramount Pictures anunciou que estaria encerrando as atividades em

Hollywood com películas. Na época, o grande lançamento da gigante de Hollywood, *O lobo de Wall Street*, foi distribuído a todos os cinemas em formato digital. Apesar de a Paramount ter sido o primeiro grande estúdio a sacramentar esta mudança, outros já haviam notificado os distribuidores de que isso ocorreria mais cedo ou mais tarde. O motivo? Dinheiro.

Uma cópia rodada em película custa aproximadamente 2 mil dólares para ser produzida e distribuída, enquanto o formato digital fica na casa dos 100 dólares. A diferença abismal entre os formatos já fez com que, quase em sua totalidade, os cinemas americanos aderissem ao mais moderno. Conservadores dizem que a mudança é necessária e prerrogativa, mas que se perde não apenas uma identidade visual, como também a magia do cinema.

Impossível ignorar os benefícios trazidos pelo aumento da tecnologia nos últimos anos e nos mais variados campos, mas

a grande crítica é que isso desconstrói um passado glorioso. Para alguns saudosistas e cinéfilos de longa data, as mudanças no cenário atual são realmente assustadoras, e lidar com as consequências desse novo *modus operandi* é um trabalho árduo, impreciso e, muitas vezes, desgastante.

Madalena Sapucaia aborda a mudança nos modos de fruição para explicar que, para ela, o cinema perdeu muito da capacidade de imersão. O espectador, hoje diante de notebooks, tablets e smartphones, interrompe a todo momento aquilo a que está assistindo, seja para “comer, tomar banho ou transar”, segundo a psicanalista. Vivemos, diz, uma cultura da disrupção, na qual, de modo intrínseco, há uma crise do ritual. Os jovens não aguentam mais passar tanto tempo contemplando um objeto artístico. “Acho que essa ideia do cinema promover uma fantasia, uma possibilidade de identificação, está muito interrompida. A geração que já nasceu com essas tecnologias tem uma capacidade multitarefária e uma dificuldade de concentração em somente uma tarefa”, opina.

Ela também vê a cultura disruptiva se manifestar em outras esferas. O aplicativo Tinder, por exemplo, seria uma espécie de sinédoque desse novo modo de relação dos jovens com as coisas e as pessoas, marcada pela liquidez baumaniana. Lá, as conversas e os possíveis relacionamentos são abruptamente interrompidos e se esmaecem de forma natural, com ambas as partes perdendo o contato

aos poucos – algo que vem sendo chamado de *ghosting*.

Distopia infanto-juvenil

O cinema infantil, ao contrário do adulto cada vez mais biográfico e documental, segue uma vertente de fantasias e mundos imaginários. Se levarmos em conta o cinema juvenil, vemos distopias quase huxleyianas o tempo inteiro. O último filme da popular saga de livros *Jogos vorazes* (*Esperança - Parte Final*) faturou quase R\$ 65 milhões e foi o sexto filme mais assistido no Brasil em 2015.

A sede dos jovens por histórias de revoluções futuristas e fantásticas revela um desejo por algo diferente das projeções da sociedade e da família. “Se pensarmos que esses jovens fazem tatuagens, por exemplo, em uma espécie de ruptura com a cultura antiquada dos pais e um anseio por aceitação de sua própria geração, compreendemos como a rebeldia faz parte do pensamento contemporâneo e pós-moderno”, analisa Madalena.

O mercado hollywoodiano entendeu essa necessidade da juventude ocidental e mergulhou profundamente em desenvolver o máximo de filmes possíveis com a temática. O conceito de distopia, que tem como maiores exemplos *1984*, de George Orwell, e *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, pressupõe um mundo futurista, totalitário, e sociedades extremamente violentas e antidemocráticas.

Demanda por histórias

O vencedor do Oscar de melhor



Sucesso de bilheteria, os filmes da saga *Jogos vorazes* mostram a ascensão das distopias entre o público infanto-juvenil

filme em 2016, *Spotlight - Segredos revelados*, é uma obra quase documental sobre a história verídica de um grupo de jornalistas que desvendaram uma rede de pedofilia dentro da alta cúpula da Igreja Católica. O longa foi elogiado pela crítica como uma recriação fiel dos acontecimentos pelo olhar clínico do roteirista e diretor Tom McCarthy. Dos oito filmes indicados à categoria este ano, cinco eram biográficos ou baseados em fatos reais, enquanto somente três eram ficções propriamente ditas.

Mad Max: a estrada da fúria foi o filme mais premiado da noite, com seis estatuetas debaixo do braço, entre elas montagem, figurino e design de produção. Apesar do grande triunfo de George Miller, um veterano diretor de Hollywood, a falta de protagonismo do filme em categorias mais importantes foi um estopim para pensar em uma crise hollywoodiana com a ficção.

Madalena vê a questão como um reflexo da carência contemporânea de se contar histórias.

“Você sabe a história dos seus bisavôs?”, ela questiona. “Quando você conta uma história, o grande barato é que tem um fim, feliz ou infeliz. Na sua vida, você não sabe como vai acabar, qual vai ser o último capítulo”, completa. 📖

Para saber mais

- Crítica de *Her* feita por Pablo Villaça:
● <http://www.cinemaemcena.com.br/Critica/Filme/5908/ela-de-spike-jonze>
- Texto sobre *ghosting* na BBC (em português):
● http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151206_ghosting_relacionamentos_fn
- Bilheterias no Brasil em 2015:
● https://pt.wikipedia.org/wiki/Bilheteria_dos_cinemas_no_Brasil_em_2015
- As distopias de Huxley e Orwell:
● http://obviousmag.org/archives/2011/01/a_literatura_da_distopia.html

Fantasia – alegoria e performance no Carnaval



Grupos de bate-bola se reúnem no subúrbio do Rio

LOIANE GOMES FERREIRA E THATIANE NARCISO NUNES

Carnaval do Brasil, especialmente o do Rio de Janeiro, é internacionalmente conhecido pelos excessos, cores e criações. Se considerarmos que ritual é um momento em que os indivíduos saem da sua realidade para ter novas experiências, o Carnaval carioca exemplifica muito bem o conceito. Na festa que ocorre nas ruas da cidade e no sambódromo da Marquês de Sapucaí, foliões fogem de suas rotinas e mergu-

lham em um novo mundo, por pelo menos quatro dias, onde podem exercer o papel que quiserem. Como o Carnaval compõe a identidade da cultura nacional, os elementos dele compõem a identidade dos seus participantes.

É durante a festa da carne que os indivíduos de diferentes regiões e classes sociais do Rio se integram em espaços distintos, exaltando uma sociedade paralela, na qual todos são iguais e não há hierarquia social. A festa permite que os foliões sejam o que quiserem. Ela é o ápice de um

provável ano de desejos reprimidos.

Por isso, é fundamental a existência da fantasia no Carnaval. Ela pode ser utilizada apenas como uma alegoria, algo para se integrar à festa, ou como principal ferramenta para uma performance que irá retirar o indivíduo do espaço ao qual ele está acostumado e deslocá-lo para outra realidade. No troca-troca de identidades, todos se tornam um. O antropólogo Roberto DaMatta diz que a fantasia escolhida por um folião revela um desejo escondido, e tem uma relação entre o papel social que a pessoa representa e aquele que ela gostaria de representar.

A fantasia

Usada em grupo ou de forma individual, a fantasia é uma das principais ferramentas para integrar aqueles que desejam, racional ou irracionalmente, fugir do que lhes é comum. Homens se vestem de mulheres sem medo de serem alvos de preconceito, mulheres se vestem de princesas infantis, grupos inteiros incorporam uma família de desenho animado. É o local que, ainda segundo DaMatta, a rua se torna o espaço privado da casa, que permite tudo que o cidadão desejar. E, nas escolas de samba, alas com 50 componentes usam uma roupa só para representar e dar sentido a um enredo.

O desejo da representação não está necessariamente em exercer aquele papel definitivamente na vida, mas ao menos experimentá-lo. Ou, ainda, experimentar o sentimento de liberdade de poder ser o que desejar durante esses quatro dias. A analista financeira Thaís Araújo, de 27 anos, planeja as fantasias de Carnaval alguns meses antes da festa. Decide com cuidado as roupas, os tecidos, e faz até testes com a costureira antes da versão final. Na maioria das vezes, a roupa é confeccionada com amigas. Questionada se as fantasias representam o momento em que é possível sair de si, Thaís discorre. “Nunca havia parado para pensar, mas talvez sim. Quando criança não podia me fantasiar de super-herói, por exemplo, porque diziam que era coisa de menino. Quando adolescente usava sempre as mesmas fantasias que vendiam prontas, e sempre de princesa ou havaiana. Sempre gostei de me fantasiar, acho divertido, mas poder escolher qualquer personagem, sem amarras, deixa tudo melhor. E depois de mais velha a gente ainda pode fazer da forma que quiser”.



Crianças já fazem parte dos grupos, fato que não existia nas décadas de 1980 e 90

As fantasias em grupo também são uma forma de reunir-se com pessoas que não via há muito tempo, ou que nem conhecia. “Chamo algumas amigas, e elas vão chamando outros amigos. Uns cinco anos atrás, na hora de ir para o bloco, vi que tinha umas 15 pessoas com a mesma fantasia. E ficamos todos amigos naquele momento, usando o que cada um tinha de diferente para fazer piadas”.

Apesar da semelhança momentânea, Thaís conta que não manteve contato com as pessoas que só conheceu naquela ocasião. “Amor que não sobe serra (risos). Só tínhamos aquilo ali em comum, depois fui procurar na internet e era uma galera muito diferente de mim”!

Diferente da experiência de Thaís, no subúrbio do Rio e em algumas cidades da Baixada Fluminense, a fantasia em grupo é planejada entre pessoas que são muito parecidas, em relação à classe social, gênero, raça, gostos pessoais e pertencimento geográfico. Os grupos de bate-bola, ou clóvis, são formados por adolescentes e adultos dessas áreas que se reúnem para confeccionar e pular Carnaval juntos. No Rio, já são cerca de 100 turmas organizadas e reconhecidas entre si. A fantasia com máscara assustadora, roupas coloridas e uma bola a tiracolo é inspirada na festa de Folia de Reis e se funde ao *clown* (palhaço), que inclusive seria a origem do nome “clóvis”.

O técnico em edificações Emerson Santos, de 24 anos, cresceu vendo a ação dos grupos bate-bola nas ruas de Guapimirim, interior do estado do Rio. Diferentemente da maioria das crianças, ele conta que nunca teve medo e sempre insistiu para que a mãe o deixasse participar da festa. “Minha mãe



União da Mangueira com a comunidade homônima fortalece ambas

comprava uma bola pequena no camelô e costumava uma roupa colorida, mas a graça era sair em grupo. Quando os meninos [vizinhos] e eu crescemos mais um pouco, começamos a entrar nessa e não paramos mais”.

Além da preocupação com suas próprias roupas e estilo, os grupos de bate-bola também duelam com outros para eleger o melhor. Apesar de não haver uma competição oficial durante o Carnaval, a disputa é levada a sério e, em alguns casos, há o risco de terminar em episódios de violência. “Às vezes tem briga, mas eu nunca me meti. Principalmente porque não moro mais aqui, só venho visitar e curtir o Carnaval. Já soubemos de alguns amigos que até morreram por causa das brigas, infelizmente”.

Apesar disso, nos últimos anos é comum a participação de crianças nos grupos. A sensação de pertencimento geográfico surge cada vez mais cedo nas comunidades e cidades mais pobres.

O fenômeno dos bate-bolas sintetiza a importância da alegoria para validar a performance. Durante meses, os clóvis se preocupam em criar o melhor possível para o ápice, que é quando po-

derão agir como um único grupo, em que a individualidade fica em segundo plano e o objetivo principal é defender a comunidade. “Acho que a nossa maior dificuldade, e o que mais gasta tempo, é fazer com que todas as roupas fiquem iguais. Costureira custa caro, e além das roupas de desfile temos as roupas próprias do grupo, camisetas, faixas, pintar as bolas, as sombrinhas. E como não é nada industrial, tem que ser feito com cuidado para ninguém ficar diferente. É todo mundo igual”.

As escolas de samba

Nas escolas de samba, o conceito de comunidade é o que dá o tom da festa. Lá, também todo mundo é igual. Por um ano inteiro, moradores de comunidades ou simpatizantes de determinada agremiação unem esforços para colocar na avenida um desfile com as melhores alegorias possíveis – além, claro, de todos os outros elementos que o compõe. Dentro das escolas, a escolha da fantasia não passa pelo desejo individual, mas gira somente em torno do que for melhor para o sucesso do desfile. Uma ala com dezenas de pessoas é forma-

da de acordo com o enredo, e é a partir dele que as fantasias são confeccionadas. Cabe ao componente vesti-la e acreditar na importância dela para o bom desenvolvimento da narrativa apresentada no sambódromo.

A comunidade “escola de samba” tem suas subdivisões. Algumas alas são comerciais, ou seja, têm suas fantasias vendidas com preços que chegam a R\$ 2.000 para um público-alvo formado por turistas, que querem viver a experiência de ser quem não se é: o integrante de uma agremiação.

Mas as principais alas são aquelas dedicadas aos moradores do local em que está situada a sede da escola, uma vez que desde o nascimento há um forte movimento para a criação de uma identificação. Dona Vilma, como gosta de ser chamada, tem 63 anos e já foi diretora de ala da Portela. Hoje, só compõe a Velha Guarda. Com a família criada dentro das escolas de samba do Rio, especialmente da zona oeste, ela sempre soube como funcionava o funcionamento das alas. “Tem que ter organização, ensaiar direitinho e não pode faltar. O engraçado é que as pessoas geralmente ficam em alas diferentes de amigos, mas isso é só na hora do ensaio e do desfile. Ninguém reclama porque sabe que tem que ser o que é melhor para a escola. Não vou dizer que nunca teve reclamação, mas foram poucas e fáceis de resolver. Quem conhece Carnaval sabe como tem que ser, e quem não é tem que sambar miudinho”.

É quase impossível, por exemplo, um morador do morro da Mangueira não torcer para a Verde e Rosa. Como é o caso de Flavia Silva, de 28 anos, analista de marketing. Apesar de atualmente morar em Jacarepaguá, na zona oeste da cidade, ela sempre foi mangueirense. “Há uns três anos eu não desfilo, mas até então sempre desfilei. Chegava lá, perguntava para a Harmonia o que tinha que fazer, e fazia. Se me mandassem limpar a quadra, eu limpava (risos). Tudo para ver a escola bonita e campeã, né?”

Questionada sobre a importância de uma escola de samba para o fortalecimento da comunidade, e de uma comunidade forte para que a escola de samba seja importante, Flavia é categórica. “As duas coisas são fundamentais e dependentes. A Mangueira só existe porque a Mangueira existe, e aqui são a escola e a favela. É muito bonito ver o povo junto para botar na rua uma escola tão im-



Organização de alas da comunidade é feita com rigor

portante, a maior do Rio. Muitas das vezes é uma gente pobre, que não tem muita perspectiva de vida, mas vê no Carnaval e na escola um alívio, um respiro, uma esperança”.

A experiência de Flavia mostra como o Carnaval como performance é latente na sociedade carioca. Seja nos blocos de rua, nos grupos de bate-bola ou nas escolas de samba, os foliões buscam sair de uma realidade a qual estão aprisionados em direção a uma outra mais leve e livre, sem determinações pré-estabelecidas que não rendem benefícios próprios.

Quem faz e vive o Carnaval acredita que a festa é uma das melhores fantasias que existe. Thaís é a prova. “É como se não existisse coisa ruim, ou que na quarta-feira não tivéssemos que acordar e enfrentar o chefe (risos). O triste de tudo é ter que tirar a fantasia e colocar o despertador para tocar”.

Carnaval carioca

Bate-bola

100 grupos no RJ

Nomes sentimentais: Alegria, Felicidade, Explosão, Carinho, Amor, Amizade.

Roupas coloridas e adereços

Blocos de rua

505 blocos oficiais na capital

Fantasias em grupo são comuns, mas muitas são improvisadas

Escolas de samba

De 3.000 a 5.000 componentes cada.

Fantasias confeccionadas nos barracões.

Alas com dezenas de pessoas vestidas igual

Alerta: TABU!

BLOG EVENTILATORS

Sexo é um dos mais instigantes aspectos da fantasia

ALINE JANAUE E YANNY CHRYSYAN

D para entendermos como a fantasia sexual se desenvolve, primeiro devemos compreender o que de fato é a fantasia. Do ponto de vista psíquico, a fantasia é uma parte importante da constituição do indivíduo. E como parte dessa constituição do sujeito, ela é um item importante também para a saúde mental, criatividade, trabalho e para os relacionamentos. A fantasia não deve ser confundida com mentira ou ilusão, ou tida como algo falso. É preciso saber controlá-la, pois quando a vida fantasiosa toma conta do sujeito de forma excessiva, sem nenhum domínio, pode prejudicar tanto quem fantasia quanto as pessoas envolvidas nesse processo.

De acordo com a professora da PUC-Rio e psicóloga especialista em famílias e casais, Andrea Seixas Magalhães, a fantasia é construtiva quando alimenta a relação, quando estimula a troca e tem uma consideração pelo outro, ou seja, quando há respeito e alteridade. Ela não violenta, não agride, não invade o outro a ponto de eliminar ou anular o parceiro. Contudo, quando a fantasia desrespeita o outro e desconsidera a alteridade, ela



Na Índia é comum que as famílias compartilhem ensinamentos sobre o sexo, com a finalidade de educar e mostrar a importância que ele tem em uma relação

passa a ser prejudicial para ambos.

Existe outro lado negativo da fantasia: a alteração da realidade. Isso ocorre quando a pessoa acredita que a fantasia constitui a vida real. Nesse caso, ela não só desconsidera o outro, como também a sua própria existência. “Nada que você cria não é seu. Logo, se você tem uma fantasia, é uma parte sua a qual você dá vazão, mesmo que não na vida real. Mas se a fantasia é tão distante da sua realidade e domina a sua vida é porque essa relação de reconhecimento da realidade está prejudicada. Pode ser uma pessoa que está entrando em estado psicótico, onde a fantasia domina a vida do sujeito. E assim se perde a noção, o senso da realidade”, ressalta Andrea.

É preciso entender ainda a diferença entre fantasia, desejo e fetiche. Tais categorias são

confundidas com facilidade em concepções populares. O desejo é muito mais amplo. Você pode desejar comida, passear, tirar férias, andar de bicicleta, cortar o cabelo, entre muitas coisas. Já o fetiche é uma fantasia que se repete e que, de certo modo, se impõe mais fortemente e acaba reduzindo a fantasia a uma repetição. Assim, quando se tem um fetiche, em vez de fantasiar mil coisas, você vai fantasiar só uma ou duas, de forma mais recorrente. Por exemplo, uma pessoa que tem fetiche em pés vai sempre direcioná-los como o ponto focal da sua fantasia.

A fantasia sexual é um tipo específico de fantasia. Levando em consideração sua importância como parte do psiquismo, é possível afirmar que ela pode envolver todas as esferas da vida de um indivíduo tais como família, religião, trabalho, política, arte e sexualidade.

Como explica o antropólogo José Carlos Rodrigues, a sociedade ocidental, diferente de todas as outras, aprendeu a separar essas esferas: “Esse isolamento se tornou um fator estimulante para a criação de fantasias sexuais. Por exemplo, no Ocidente é comum fantasiar com professoras ou enfermeiras. Estas figuras, originalmente fazem parte do campo profissional, e não do sexual. Mas como o sexo adquire um caráter de tabu nas outras esferas, estimula a criação de fantasias sexuais envolvendo os outros campos da vida”.

Nas outras culturas o sexo não existe como um núcleo à parte. A esfera sexual foi inventada por volta do século XVIII, na Europa, e em geral essas esferas que se separam desenvolvem um saber que pretende descobrir a lógica de como essa esfera funciona. Como exemplo temos a religião, para desenvolver a lógica do sobrenatural, e

a biologia, do natural. Daí surge o sexo e seus saberes como uma área separada.

Nas culturas onde não há separação da esfera sexual, a sexualidade é mais difícil de pensar na fantasia sexual como algo isolado. Porém, isso



Tabu: assunto no qual tocamos

não significa que a fantasia sexual não exista ou seja negada. Encontramos, por exemplo, a arte erótica na Índia, difundida com muita naturalidade através do *Kama Sutra* – que no Ocidente pode ser considerado um tabu, já que é tratado com certo pudor em esferas como a da família, do trabalho e da religião.

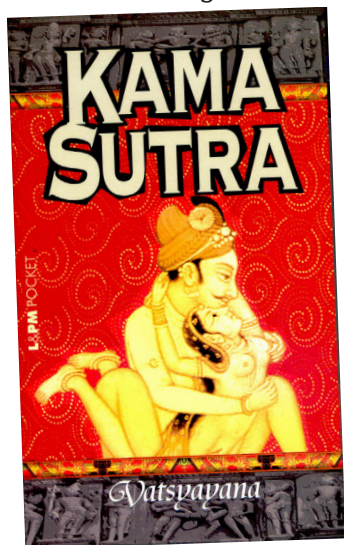
Em sua obra *Tabu da morte*, José Carlos Rodrigues explica que cada cultura tem sua fantasia sexual própria, mas é muito difícil especificar cada uma delas. Para os índios brasileiros, o sexo é muito mais o ato em si do que a presença do imaginário sexual tão arraigado, tão voltado para o erótico. Alguns povos acreditam que a morte acontece quando vamos perdendo o “elã” vital, também chamado de “rakare”. Ele seria limitado e, à medida que você vai gastando, se aproxima da morte. No imaginário desses povos, o que mais faz per-

der “rakare” é o sexo. Assim, a prática sexual é limitada para “poupar” a vida. E o nascimento de crianças seria derivado da morte de adultos – que entregaram a elas seu “rakare”.

Já outros povos acreditam que a criança não é feita de uma só vez. Então, se ela nasce morta ou doente as pessoas culpam os pais porque eles não praticaram sexo o suficiente durante a gestação para que a formação da criança fosse completa. Diferente da nossa cultura, onde na gravidez o sexo é quase que “suspenso”, nessas civilizações ele é quase que obrigatório nesse período.

Tabu! Tabu! Tabu!

José Carlos Rodrigues explica que a atração nunca é estritamente natural. Quem a sente sempre está submetido a convenções estéticas e morais que variam historicamente. “O desejo não é tão natural quanto



Kama, em sânscrito, significa desejo, amor, prazer sexual; sutra, ensinamentos transmitidos em forma de regras, preceitos ou aforismos



O poder no imaginário sexual pode ser associado a diversos fatores como classe social, idade, bens e consumos e até roupas

se pensa e nunca está afastado também das fantasias. Um rosto nunca é apenas um rosto quando está associado a uma fantasia – erótica ou não”, exemplificou o especialista.

As fantasias podem produzir medo, em vez de atração, ou repulsão. Podem resultar em sentimento de carinho e não de erotismo. Os desejos nunca estão separados de fantasias que são correspondentes. O imaginário humano nunca está completamente ausente.

Existe uma concepção branda de tabu que o associa a uma proibição. Mas nem todas as proibições são tabus. Eles são apenas assuntos aos quais a gente não se refere. E tem uma concepção mais forte, que relaciona o tabu a um tipo de transgressão que traz em si mesma uma punição.

Assim, o simples contato com algo que é tabu já é a punição.

O território sexual é talvez o único território da nossa cultura ocidental em que a gente se permite quebrar tabus. “Certos contatos que seriam inadmissíveis, altamente punitivos, como o contato entre boca e o órgão sexual, no terreno do sexo, é incentivado. Mas se os parceiros não jogam o jogo, pelo menos um deles vai sofrer com a punição do tabu que está no próprio ato”, exemplifica José Carlos Rodrigues.

Fantasia, poder e globalização

A antropologia explica que pode existir e pode não existir relação entre fantasia e poder. Onde as relações são simétricas e consentidas não há disputa de po-

der entre o casal. As fantasias de cada um são admitidas. Alguém pode fantasiar que é um carrasco e o outro imaginar ser dominado. Existe prazer dos dois lados, é consensual, então tudo bem.

Pode existir quando essa fantasia está associada a uma ideia de superioridade ou de desempenho. Por exemplo, quando um homem quer fazer a mulher alcançar o orgasmo até não ser mais prazeroso para ela, porque ele tem uma concepção olímpica. Ou ele adia a ejaculação de forma a prolongar o ato além do que seria proveitoso.

Pode estar ligada não a poder sobre o outro, mas poder sobre algo. Por exemplo, matar animais. Vai depender de até aonde vai a imaginação de cada um.

Por outro lado, existiria alguma fantasia sexual que tenha sido



A cultura indígena tem uma visão muito diferente sobre o sexo, cercado de crenças ligadas à vida e à morte

disseminada com a globalização? A resposta é sim: o amor romântico. Essa fantasia foi popularizada pelo cinema. “O beijo na boca tem um sentido na cultura cristã. Ele representa a união do carnal e o espiritual – a boca como parte do aparelho digestivo e o sopro da vida. O beijo é a fantasia da síntese do amor físico e espiritual, o que seria ‘o bom amor’”, afirma José Carlos Rodrigues.

Nossa imaginação transforma o feio em bonito na nossa fantasia para nos convencer de que atraímos as pessoas belas. Mas, as fantasias também estão presentes para ir além dos padrões estéticos. O feio não é apenas repulsivo, ele pode ser também atraente. Vai depender do contexto e das circunstâncias de cada encontro.

A fantasia pode servir para almentar os padrões ou negá-los.

Segundo o antropólogo, as duas coisas vão dar prazer. Um ponto importante é que a esfera do sexo por um lado é de transgressão por excelência na nossa cultura, mas ao mesmo tempo é o espaço de conformismo. O conformismo está em fazer do sexo algo industrial, onde o acúmulo, a produção e o desempenho contam. Está na transgressão pela quebra de tabu, por conjugar esferas que não deveriam estar juntas. O sexo é ao mesmo tempo transgressor e conformista.

Faz parte do senso comum imaginar que a fantasia sexual está relacionada apenas ao ato sexual propriamente dito, quando na verdade sua dimensão é maior. O imaginário sexual é muito mais amplo do que a fantasia erótica porque ela pode ir para além do erótico. Pode envolver um lugar,

um tempo, uma música e muitos outros elementos além do erótico genital, como, por exemplo, uma sedução que não chegue às vias de fato. Ou ainda, uma coisa mais complexa, que é necessária para a vitalidade da relação amorosa. Segundo Andrea Seixas Magalhães, uma relação amorosa sem fantasia é uma relação pobre, pragmática, pois é vivida de forma puramente instrumental.

A psicóloga ressalta que a cultura pode influenciar a forma de fantasiar não só entre diferentes sociedades, mas também na forma que cada gênero desenvolve suas atrações. Segundo ela, no Brasil, as mulheres são estimuladas a fantasiar a partir de uma relação com o papel do gênero. Assim, é possível reforçar um estereótipo, desde os contos infantis, onde a donzela é resgatada por

um príncipe – criando a ideia de que a mulher é frágil e precisa de um homem que a salve – e o homem pode ser identificado como aquele que domina, que possui. As fantasias masculinas em geral são voltadas especificamente para o ato sexual. Já as femininas tendem ao romantismo, ao afeto e às situações que levam até ao ato sexual.

A especialista em casais e famílias afirma ainda que, apesar dessa influência cultural, nada impede que a mulher tenha uma fantasia de dominação e o homem de ser salvo, resgatado, cuidado. Muitas mulheres são mais pragmáticas, têm fantasias relacionadas ao corpo e não necessariamente com temas, histórias e dramas.

Os homens falam de sexo com duas ou mais mulheres, mas não significa que a mulheres também não fantasiem dessa forma. A psicóloga aponta que há explicações evolucionistas que dizem que,

para o homem espalhar a sua genética, precisa ter mais relações. Mas isso está ligado a um componente cultural forte, que “permite” que o homem fale disso. Até elogiam o homem que expõe as suas fantasias sexuais, enquanto a mulher não “deve” falar porque isso não é bem visto.

“Há uma gama de possibilidades enormes de tipos de fantasias. Isso está ligado à história individual de cada um, às vivências da infância, ao que a sociedade apresenta em termos de estímulo e também à troca de experiências com outras pessoas. Elas podem estimular fantasias que você nunca teve ou inibir outras”, afirma a Andrea. Segundo a visão psicanalítica da fantasia, toda a nossa vida, tudo o que a gente é hoje tem a ver com a história infantil. Esquecemos porque reprimimos e como não temos acesso completamente a essas memórias, então realizamos parte do que foi reprimido. Se você tem uma atração mais “normal”, você

vai elaborando essas fantasias e realizando parcialmente – parte na fantasia e parte na realidade. Quando se tem uma fantasia muito distante da sua realidade, provavelmente é sinal de algo que você não pode entrar em contato com a sua história reprimida. “O ser humano nunca entra em contato com tudo, na verdade, mas pode estar em contato com algumas coisas”, completou Andrea Seixas Magalhães.

Muitas fantasias querem realizar algo ligado à censura justamente porque é uma coisa que foi reprimida e transgredir dá muito prazer. A psicóloga explica que se existe algo dentro de uma relação que você não consegue realizar, não necessariamente isso vai te frustrar. Você pode simplesmente trocar de relação, investir em outra pessoa. A fantasia sexual não é uma fuga, é uma expressão. É uma forma de expressar a subjetividade, é parte do sujeito. 

A fantasia sexual na filosofia

Entrevistamos o mestre em filosofia e professor da PUC-Rio, Vinícius de Carvalho Monteiro, que apresentou o viés filosófico da busca por prazer e da fantasia sexual

Eclética: Como a filosofia explica a fantasia na busca pelo prazer?

Vinícius Monteiro: *O ser humano funciona numa busca constante do prazer e a fantasia nasce da tentativa de consegui-lo também com o pensamento. Ela substitui a falta do prazer no mundo real. A fantasia sexual surge da busca humana pelo prazer através da imaginação. Freud, o criador da psicanálise, chama essa busca constante de prazer de princípio do prazer.*

E: O homem pode escolher fantasiar ou não?

V.M.: *Fantasiar independe do sujeito. A busca da sensação de prazer é positiva para a filosofia, pois quando não fantasiamos, mentimos para nós mesmos. Segundo a psicanálise, esse mecanismo é chamado de recalcar. Quando o homem se recusa a fantasiar – por vergonha ou medo – ele recalca a fantasia. Fingir que ela não existe vai fazer com que ela seja*

lançada no inconsciente, causando um efeito patológico. Não é diferente na fantasia sexual, que ficará te conduzindo e te controlando sem que você perceba.

E: Para a filosofia existe algo negativo na fantasia sexual?

V. M.: *Existe na filosofia a pulsão de vida a pulsão de morte. A segunda está ligada à vontade de matar e de morrer. É preciso que as pessoas coloquem limite na pulsão de morte presentes nas fantasias destrutivas. Nesses casos a fantasia é negativa e pode se tornar antiética e perigosa, por isso precisa de limites que só serão encontrados no autoconhecimento.*



Fantasia sexuals mais recorrentes

A fantasia sexual que é inibida é a mais difícil de realizar. A psicologia entende que é muito relativo porque para cada casal há um tipo de fantasia, logo, o que é proibido varia. Uma relação conjugal bem sucedida envolve realizar parte das fantasias do outro. Pode ser que juntos o casal tenha uma fantasia que, individualmente, eles não teriam. Andrea Seixas Magalhães lembra que as pessoas podem realizar a fantasia só na imaginação. “Não precisa do ato. Você pode estar com a pessoa, imaginando coisas e ela nem saber”, completa a psicóloga.

Exibicionismo

A prática consiste em mostrar a genitália a estranhos.

A pessoa se sente gratificada

pela atenção. Aqui, identifica-se uma tentativa de controlar sentimentos de rejeição e descaço. Ao se exhibir para as câmeras, o sujeito, por alguns momentos, deixa de ser invisível e negligenciado. A partir daí se sente seguro para se excitar.



Voyeurismo

Observar a relação de terceiros é uma das maneiras do voyeur se excitar. Outra maneira é olhar alguém se despír. O prazer reside no fato de que aquilo é proibido. Culpa e rejeição podem impulsionar essa fantasia sexual. Com o sentimento de rejeição neutralizado, a excitação ganha corpo.



Traição

Segundo a psicóloga Andrea Seixas Magalhães, a traição serve para manter o vínculo erótico de muitos casais. Tanto os homens quanto as mulheres podem trair buscando essa satisfação.



A fantasia sexual no sonho

Enquanto estamos acordados a fantasia está presente na obra da imaginação e no devaneio como mecanismo de defesa do ego. Ela aparece com frequência nos estados de frustração.

No sonho também se manifestam várias fantasias. O sonho é um espaço para a revelação de fantasias mais reprimidas. Durante o sono fantasiamos com elementos não admitidos acordados, como uma relação homossexual, para um convicto heterossexual, por exemplo.

A fantasia sexual pode vir à tona pela lembrança do sonho. É necessário entender que a fantasia não é uma coisa negativa, nem doentia. Ela é necessária para a vida amorosa saudável.



O ator e a criação do personagem

LUIZ ALBERTO GONÇALVES



Dani Barros em cena como Estamira

Nos processos de pesquisa e da pré-atuação a fantasia é elemento fundamental para realizar a magia do teatro

LETÍCIA FRAZÃO E MARIA CLARA PARENTE

Quando notamos um ator no palco, logo somos levados a embarcar na fantasia por ele proposta a partir do movimento, da voz e do estado. Segundo o ator japonês Yoshi Oida, quando um bom ator aponta a lua, por exemplo, enxergamos a lua, mas apenas a partir da beleza do movimento corporal dele. A magia

teatral só ocorre, portanto, quando o ator se torna um meio para a materialização da fantasia do público. Mas como criar uma personagem a partir da mistura da fantasia do ator sobre aquele personagem, das ideias do diretor e de todos os outros profissionais envolvidos no espetáculo? A pesquisa é algo bastante individual apesar de várias técnicas já terem sido descritas em livros teóricos.

Para o crítico literário Jacob Guinsburg, independente do tipo de preparação antes das cenas, em cada uma delas o ator deve procurar por um processo que irá resultar em sua metamorfose. “O ator organiza seus meios expressivos enquanto durar a cena ou espetáculo. Antes deles, sua condição

de homem comum deve transmutar-se em um indivíduo cênico”, diz. Segundo ele, é como se o teatro pertencesse ao mundo imaginário e da fantasia, enquanto a pré-atuação fosse a porta de entrada.

Foi o que aconteceu com a atriz carioca Dani Barros, que se encantou com *Estamira*, documentário dirigido por Marcos Prado. O filme conta a história de uma catadora de lixo esquizofrênica que ficou famosa por seu discurso filosófico, que alternava entre a lucidez e a loucura. Dani percebeu que transformar o filme em uma peça de teatro poderia ser um desafio e uma forma de lidar com o trauma da morte de sua mãe. A atriz conta que sua mãe era bipolar, portanto cresceu indo a clínicas psiquiátricas e sempre questionou a forma como os pacientes eram tratados nesses lugares. “A peça, de alguma forma, representa o processo que eu nunca realizei com os médicos da minha mãe”, comenta. Para compor a personagem, Dani buscou ambientes que faziam parte do universo de *Estamira*, como o aterro sanitário Jardim Gramacho, onde ela trabalhava e morava. Esse conhecimento foi somado às vivências em clínicas durante a infância e sua experiência como palhaça com o grupo Doutores da Alegria.

O monólogo *Estamira - Beira do Mundo* estreou em 2011 e rendeu à atriz os prêmios Shell, APTR e Questão de Crítica. A peça entrou em cartaz novamente em março de 2016, no Teatro Poeira, no Rio de Janeiro, e encanta nos mínimos detalhes, que deixam claro o trabalho minucioso da atriz e diretora Beatriz Sayad. Dani compôs a *Estamira* a partir do olhar atento ao DVD do filme. “No final eu parei de ver, porque sempre achava que poderia ficar mais parecida.” A atriz ensaiava tanto que chegava a dar soluções para sua partitura até quando estava sonhando. Além da construção da *Estamira*, Dani também tem momentos na peça em que sai do personagem e fala de sua própria mãe, fazendo um recorte de momentos de sua vida que se encaixam na história da “profeta do lixão”. “Antes de fazer a peça eu sempre rezo para a minha mãe e para *Estamira*”, finaliza.

Rituais pré-cena: do uísque ao ioga

Alguns rezam, outros repetem suas falas baixinho, há ainda os que fazem exercícios físicos e os que tomam um gole de café, água ou uísque. Há, enfim, uma série de rituais feitos pelos atores antes de entrarem em cena. Mas a observação desses



Valentina Herzage em *Mate-me por favor*

gestos nos apresenta uma questão: com que objetivo eles são realizados?

A atriz Cintia Stern conta que antes de interpretar um personagem nos palcos, realiza um trabalho de autoconhecimento de seu corpo. “Faço ioga, meditação para limpeza do meu campo energético, agradecimento a todos os seres e pedido de proteção e transformação”, diz.

Adepta da filosofia dos chacras, a estudante do curso de artes cênicas da PUC-Rio acredita que esse exercício permite que o ator aprenda mais sobre o seu ser físico e energético e, assim, realize um trabalho mais verdadeiro e criativo. Os chacras, para o ioga, seriam centros energéticos dentro do corpo humano ligados diretamente aos sistemas endócrino e físico. “Tendo a consciência desses pontos, trabalhamos nosso conhecimento emocional e energético e entendemos onde cada coisa reverbera em nossos corpos”, adiciona.

No cinema, o período de pré-atuação pode ser ainda mais desafiador. É que as cenas são filmadas fora de ordem, o que pode requisitar uma concentração ainda maior do ator. Antes de começar a filmar *Mate-me por favor*, de Anita Rocha da Silveira, a atriz Valentina Herzage, que ganhou o prêmio de melhor atriz do Festival do Rio de 2015 e o prêmio Bisato D’Oro, em Veneza, conta que se preparou por três meses para viver a protagonista Bia e que os momentos antes das cenas eram cruciais para compor a personagem. “Era preciso resgatar internamente o estado da personagem naquele ponto da história. A partir de certa cena do filme, Bia mudou completamente e isso ia crescendo até seu estado mais perturbador. Nesse momento, a concentração tinha que vir, então procurava



Cena de peça encenada pela Companhia Atores de Laura

me localizar dramaturgicamente e partir de onde havia parado, às vezes duas semanas antes”, comenta a atriz.

Com a ajuda da preparadora de elenco Ana Kutner, diversas atividades eram propostas para que os atores se conectassem à história e entre si. Toda vez que uma pessoa nova chegava e juntava-se a quem já estava no processo, todos deitavam-se no chão, fechavam os olhos e a partir do contato físico era estabelecida uma conexão com esta pessoa. “Acho que o mais importante de todo esse processo era a confiança. Era preciso confiar no trabalho e nas pessoas que estavam envolvidas nele”, afirma Valentina. Ela também conta que a escrita foi muito trabalhada antes das gravações do filme, em textos sobre sexo, morte e também sobre os personagens. “Foi interessante ver o que se transformou desde os ensaios e o que ficou quando o filme estava pronto”, conclui.

Celeiros de criação

Daniel Herz, fundador da Companhia Atores de Laura e diretor de montagens premiadas como *O filho eterno* e a recente *O Pena Carioca*, não esconde a paixão pelo ofício de professor. Há mais de 20

anos, suas aulas na Casa de Cultura Laura Alvim são repletas de atores que estão iniciando ou querem se renovar na profissão. As aulas são, para Herz, um lugar de descobrimento e investigação: “É a ideia de que você pode ser a pessoa que oferece a possibilidade de dar um percurso para cada um. Um percurso de treino, no qual as pessoas realmente adquirirem conhecimento e traquejo, e ferramentas para se sentirem cada vez melhores atores. Isso é muito emocionante.”

O diretor também percebe sua própria evolução a partir das aulas. “A sensação que eu tenho é que aula é um celeiro, um laboratório para milhões de coisas. É um lugar que eu sempre vou com muita paixão porque para mim está sendo também uma pesquisa em cada cena que eu vejo”, comenta.

Herz diz que o ponto crucial da direção é a maneira de lidar com os limites psíquicos de cada um. “Porque às vezes você dá um toque que pode acionar uma dimensão de paranoias e inseguranças que saem pela culatra. Vai para o lado errado. É necessário um pouco do olhar de um terapeuta nesse sentido, que é você descobrir como puxar o melhor de cada um, como dizer a crítica”. 🐞

A companhia Atores de Laura

Daniel Herz era uma ator de 20 anos quando se percebeu angustiado com a instabilidade da profissão que tinha escolhido para sua vida. Ele se sentia “uma célula solta no espaço esperando o desejo de alguém”. Esse sentimento fez com que ele tivesse a ideia de criar uma companhia de teatro, um ambiente em que a instabilidade é um pouco diluída e que dá mais espaço para o processo de construção dos personagens criados, porque funciona também fora da lógica de mercado. Vinte quatro anos depois, a companhia Atores de Laura, que fez sucesso com a montagem O Pena Carioca em 2015, mantém encontros semanais para aprofundamento de seu novo trabalho, em parceria com o ator Marco Nanini



Eclética- Como começou o trabalho da companhia? E como é o trabalho de vocês?

Daniel Herz - A companhia tem 24 anos. Ela começou também com uma angústia minha, mas se você se relacionar com uma certa alegria com elas, por mais paradoxal que possa parecer, com alegria você consegue produzir coisas incríveis através dela. Uma angústia era ter a sensação de ser uma célula solta no espaço, porque um ator é uma pessoa sozinha, insegura, esperando alguém chamar ele para trabalhar. É muito perturbador isso porque os processos são curtos comparados com uma profissão “normal”. O processo de ensaiar uma peça, entrar em cartaz e a peça acabar é um processo de no máximo, em média, cinco meses e quando a peça faz muito sucesso, no máximo dois anos. Então que estabilidade profissional é essa que você consegue ter entre um e dois anos por projeto? Com 20 anos eu pensei que não ia aguentar isso, essa instabilidade. O outro aspecto é que nesse ambiente de companhia de teatro você pode aprofundar. Aprofundar a pesquisa de como fazer uma cena, uma linguagem...Por que isso? Porque você não tem aquela lógica do mercado, de se encontrar, ensaiar dois meses e estreiar. Você pode ensaiar seis meses,

nove meses, passar um ano ensaiando um projeto se o grupo decidir que é isso, vai ser isso. Então, movido por essas duas percepções eu falei: cara, eu quero fazer uma companhia de teatro.

E: E como os outros atores chegaram na companhia?

D.H.: E aí eu me juntei com a Susanna Kruger e a gente começou em cima de uma turma da Laura Alvim. A gente começou um processo e aí eu escrevi um texto com o Bruno Levinson chamado A entrevista que veio a ser a primeira peça da companhia. Nessa primeira peça tinham 21 atores, mas só três estão na companhia até hoje. Um diretor, que sou eu, e oito atores. Desses oito, três estavam nessa primeira montagem. A Ana Paula Secco, a Verônica Reis e o Luiz André Alvim. E os outros vieram depois. Mas o que é legal da companhia é que é um grupo que está junto há muito tempo. O caçula da companhia, que é o Leandro Castilho, está na companhia há 12 anos. O Charles Fricks está há 20 anos, o Anderson Mello e o Márcio Fonseca e o Paulo Hamilton também estão há 20 anos. E é uma experiência muito bacana, eu tenho muita alegria quando penso na companhia.

Para saber mais

<http://www.yoshioida.com/>

<http://www.teatropoeira.com.br/acontece/Estamira/116>

<http://cinefestivals.com.br/criticas/mate-me-por-favor-de-anita-rocha-da-silveira/>

<http://www.festivaldoriorio.com.br/br/filmes/mate-me-por-favor>

<http://www.atoresdelaura.com.br/>

A fantasia no psiquismo humano

A psicologia, a psiquiatria e a psicanálise se propõem a estudar a fantasia, cada uma com suas nuances

**ANA CAROLINA DE SALVADOR E
ISABEL RIGON**

O médico neurologista e criador da psicanálise, Sigmund Freud, acredita ser impossível viver sem ilusões, aliás, elas são necessárias, pois o universo imaginário é essencial para o desenvolvimento humano. Para ele, a mente é regida por uma premissa fundamental: o princípio do prazer. O ser humano quer se satisfazer e quando se depara diante de uma realidade desagradável, ele tende a recusá-la e criar uma fantasia que lhe apraza.

Diante da relação dolorosa com a realidade que o ser humano carrega, ele é capaz de fantasiar-se para fugir e amenizar o sofrimento. Há uma diversidade de ilusões que marcam diferentes formas de lidar com a realidade. No entanto, devaneios podem tornar-se um problema quando a vida no mundo objetivo é completamente substituída pela vida na fantasia. A doutora em Psicologia Clínica, Maria Inês Bittencourt, tem experiência em Intervenção Terapêuti-



A obra de Francisco Goya O sono da razão produz monstros

ca e atuou principalmente nos temas de infância, desenvolvimento, criatividade e consumo. Maria explica que é necessário um equilíbrio entre o real e o irreal. “O importante é saber administrar a fantasia. O ideal

é saber juntar a fantasia e realidade, porque isso torna a pessoa capaz de realizar projetos que foram sonhados por ela. A fantasia está dentro de cada um, e cada um é dono da sua própria fantasia”, explica.

A doutora ainda diz que a fantasia pode ser dividida em dois grandes grupos: a mergulhada e a afogada. Pessoas impossibilitadas de sonhar são muito mecânicas e não conseguem criar fantasias. Maria afirma que a falta de imaginação é um sintoma contemporâneo, sustentado por um conformismo às pressões externas que ditam como devemos nos comportar e não abre espaço para o indivíduo ser o que quer. O consumismo é um abafamento da fantasia, já que se baseia naquilo que é concreto. Nesse caso, as pessoas acreditam que precisam ter coisas, quando se pode criá-las ou customizá-las e não permitem que a imaginação seja ativada.

Como a fantasia é uma dimensão humana para a psicanálise e psicologia, todas as doenças vão envolver o gerenciamento e a organização da vida imaginária. Mas é necessário cuidado para que a fantasia não se transforme em um sintoma de doença. A professora do curso de Comunicação Social da PUC-Rio, psicanalista e psicóloga do Centro de Atenção Psicossocial de Itaguai (CAPS Bem Viver), Cássia Chaffin, explica que a fantasia pode ser sinal de doença quando o sujeito se paralisa diante da realidade. “No fundo, todo ser humano é um doente mental. Sempre haverá algo na realidade que está fora da construção da fantasia pessoal. Uma pessoa considerada saudável é aquela que está disponível a considerar sempre algo que desestabiliza a sua imagem de si ou do mundo, que está em constante transformação. No fundo, todo mundo simbólico é

resultado de uma frustração com a realidade”, diz.

A psicanalista ressalta que sempre haverá uma dificuldade na relação com a realidade por parte de todos os seres humanos, já que ela nos traz insatisfações. Com o tempo, aprendemos a lidar com essas situações – ou não. Cássia explica que o ser humano cria artifícios para transformar a realidade diante da decepção, mas fantasiar se torna um perigo quando a pessoa substitui por completo a vida no mundo objetivo pela vida imaginária. A ruptura brutal com a realidade define que um paciente deve ficar internado.

As doenças mentais – qualquer alteração no funcionamento da mente – podem ser divididas em dois tipos: neurose e psicose. A neurose é qualquer desequilíbrio mental que resulta em angústia e ansiedade, é uma doença comum que não interfere na capacidade funcional da pessoa. Freud vai diagnosticá-la como a dificuldade de lidar com as ideias que estão em desacordo com a construção idealizada de si e da realidade. Mas, ainda assim, o neurótico não rompe com a realidade e se preocupa com ela. A neurose é o resultado de um conflito entre o que o indivíduo é de fato – chamado de Ego na psicanálise – e o que ele almeja e desejaria ser – o Id.

O neurótico está ciente de seus atos, mas não consegue controlá-los. Já o psicótico rejeita a realidade radicalmente e, por isso, encontra-se imerso em seu mundo interno, é aquele que chamamos de louco. Na psicose, o doente se aprisiona no mundo imaginário de suas próprias



Professora e psicanalista Cássia Chaffin

concepções e não considera o mundo objetivo, atrapalhando sua relação com o que é real. Essa condição é caracterizada por uma série de fatores que distorcem o senso de realidade do indivíduo e o aliena gravemente da percepção de si e do mundo. Na leitura da psicanálise, há um rompimento entre o Ego e a realidade, submetendo o indivíduo aos impulsos do Id, sem um filtro sobre o que seria certo ou errado. Assim, o psicótico não tem consciência de suas ações nem da consequência delas.

Doenças neuróticas e psicóticas

Os distúrbios neuróticos têm como característica o exagero de sensações psíquicas normais para qualquer ser humano. Angústia, ansiedade, medo, dramatização, obsessão e sentimentos depressivos são algumas ocorrências exageradas pelo neurótico que resultam em sofrimento e a tentativa de “negociar” a realidade. O neurótico está sempre buscando soluções para seus medos, mas convive com eles sem nunca se desligar do real. Para Freud, esses transtornos são de-



A psiquiatra Nise da Silveira revolucionou o tratamento psiquiátrico no Brasil

correntes de situações já vividas, principalmente na infância.

A depressão neurótica é considerada uma reação a fatores exógenos, ou seja, ao ambiente em que o indivíduo se insere ou a algum acontecimento específico. É um transtorno de humor caracterizado por pensamentos extremamente tristes e de desesperança. Nesse quadro, as vivências de frustração na realidade que nos causam desprazer são recalcadas a fim de sustentar a fantasia normal ao ser humano, e, assim, surgem os sintomas. A depressão é uma das doenças mais frequentes na atualidade e tem como sintomas recorrentes o sentimento de culpa, a agressividade, o medo do abandono, a falta de energia, entre outros. Não é uma condição passageira, como a tristeza que podemos sentir por algo doloroso que nos ocorreu, é um quadro que dura pelo menos duas semanas de forma intensa.

Assim como a depressão, a síndrome do pânico é uma doença cercada por medos e pensamentos negativos. É um transtorno

de ansiedade que causa a sensação súbita de perigo iminente, manifestado em crises inesperadas de desespero, como o medo da morte, além do medo de enlouquecer e perder o controle. Suyane dos Santos Bezerra, de 26 anos, sofreu de síndrome do pânico aos 17 anos e teve dificuldade em continuar os estudos por conta da doença. “O meu coração acelerava, eu sentia muito medo, falta de ar e meu corpo tremia quando tinha as crises. Elas podiam começar a qualquer momento e o medo de que acontecesse me atrapalhou muito. Passei a evitar situações em que podia me sentir desconfortável para que não acontecesse de novo e perdi a prova de vestibular por causa disso”, revela.

Suyane contou que a simples preocupação de ter uma crise já fazia disparar os sintomas. Segundo ela, a primeira crise veio por conta de uma dose exagerada de um medicamento para cólica menstrual que causou arritmia cardíaca e consequentemente, o medo de morrer, além de outros sintomas físicos.

Outro transtorno de cunho neurótico é a mitomania, ou a ação de contar mentiras compulsivamente. Ele é caracterizado pela mania de mentir para se sentir mais confortável, evitar a rejeição das pessoas e a punição por erros. Geralmente, as mentiras são restritas a assuntos específicos por conta de alguma situação insatisfatória e visam apresentar o indivíduo de maneira idealizada para as pessoas com quem convive. Em casos mais graves, a própria pessoa tem dificuldade de distinguir ou lembrar o que é verdade e o que é invenção.

Os distúrbios psicóticos, por outro lado, apresentam algo novo, diferente das variações permitidas em um ser humano considerado normal. As pessoas com esses transtornos têm alucinações, delírios e mudanças comportamentais causadas pela perda de contato com a realidade.

A esquizofrenia é uma doença psicótica crônica que leva à ruptura com a realidade através de delírios e alucinações visuais, sinestésicas ou auditivas. Os delírios mais comuns são aqueles em que o indivíduo acredita estar sendo perseguido ou observado e, com as alucinações, ele ouve ou vê coisas que não estão lá. Além disso, pode sentir cheiros estranhos, sentir bichos andando pelo corpo, acreditar que os familiares são impostores e muitos outros sintomas, já que cada pessoa tem um mundo fantasioso próprio. O paciente não tem controle sobre nenhum desses sintomas e não cria a fantasia intencionalmente, ela surge espontaneamente e domina a

consciência, além de influenciar o comportamento.

Por fim, o transtorno bipolar é caracterizado pela alternância de humor de forma extrema. São intercalados períodos longos de euforia e de depressão, que podem ocorrer com muita ou pouca frequência. Segundo a doutora Maria Inês, essas grandes oscilações atrapalham muito o andamento das relações de vida do indivíduo. “Em um momento a pessoa se acha capaz de tudo, sem motivo especial, e em outro entra na depressão, se sente inútil ou culpado e acha que vai morrer. O doente não percebe essas alterações e é necessário ajuda de pessoas próximas na detecção do problema”, revela.

A diferença entre tratamento psiquiátrico e psicanalítico

A psiquiatria é uma especialidade da medicina que surgiu para cuidar e tratar aqueles que viviam uma alienação mental. O modo de tratamento segue, então, o método da medicina moderna, diminuindo e controlando os sintomas desorganizadores do psiquismo através da via medicamentosa. Mas, para a psicanalista Cássia, remédios não resolvem tudo. “A psiquiatria trabalha só com o sintoma para dissolvê-lo e seu objetivo é fazê-lo desaparecer da forma mais rápida possível. O remédio vai atuar sobre os neurotransmissores, mas, na psicanálise, é necessário ir além”, pondera.

A psicanálise é uma forma de tratamento que reconhece que os sintomas vitais são expressão de um conflito psíquico



Fernando Diniz foi um dos artistas descobertos em uma das oficinas que Nise promoveu

inconsciente e que podem ser tratados pela via simbólica da palavra. O processo da psicanálise é mais lento, pois vai oferecer ao sujeito uma forma de se inscrever na realidade de um modo diferente. Mas, em casos graves, que são denominados psiquiátricos, essas vias simbólicas não são suficientes e é necessário complemento medicamentoso. “O remédio dissolve o sintoma, mas o que o motivou não se dissolve, o paciente vai ficar condenado aos medicamentos para controlá-lo. A psicanálise oferece o espaço para que a pessoa descubra a motivação inconsciente daquele sintoma, então se trata de dissolver o mal estar que ele causa e descobrir porque aquela pessoa o produziu”, ressalta.

Chamada de “psicologia profunda”, a psicanálise busca o

conhecimento mais profundo e completo do funcionamento mental do indivíduo. Ela vasculha a escuridão da mente por sinais do que possa ter causado a atual condição do paciente, para que seja tratado a fundo e o problema se dissolva por inteiro. Esse processo de conhecimento tem valor terapêutico e sugere que o paciente conheça a si próprio de forma que lhe permita maior liberdade e satisfação.

Liberdade pela arte

A psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999) foi considerada uma mulher à frente do seu tempo, pois rejeitava os métodos convencionais da época para tratar os esquizofrênicos. Ela refutava as técnicas brutais que eram usadas para tratar os doentes, como, por exemplo, choques elétricos e lobotomia –



©Ana Guimarães
Vitor Pordeus em espetáculo na praia do Arpoador

intervenção cirúrgica no cérebro que retira a parte responsável pelas emoções. A violência com os pacientes a lembrava das torturas que sofreu no período em que ficou presa, durante 15 meses no governo de Getúlio Vargas, entre 1934 e 1936, por ter livros marxistas em sua estante. Durante esse período, a psiquiatra observou que os presos que se ocupavam não desanimavam como os outros que não tinham nenhuma atividade a exercer.

Em 1944, depois de oito anos vivendo na clandestinidade, Nise voltou a exercer a profissão e foi trabalhar no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Engenho Novo, Rio de Janeiro. Inspirada pelas pesquisas do psicólogo suíço Carl Jung, Nise defendeu o tratamento humanizado, no qual a arte pode servir como um método de reabilitação. Pioneira no tratamento por meio da terapia ocupacional, ela foi perseguida pelos médicos do hospital e transferida para a Seção de Terapia Ocupacional e Reabilitação (Stor). Até a entrada de Nise, o Stor era um setor desprivilegiado, mas a médica conseguiu transfor-

má-lo em um ateliê cujo maior destaque foi a oficina de artes plásticas. Por meio da arte, Nise confrontou o sistema psiquiátrico movido pela força e exclusão e deu oportunidade para os esquizofrênicos se expressarem.

Cássia Chaffin, também professora de Processos de Criação e Psicanálise, explica que o artista é aquele que cria uma realidade, pois tem dificuldades e lida com frustrações da quebra de seu mundo ideal. A arte promove o empoderamento de quem a faz e, assim, o paciente tem a oportunidade de se transformar em protagonista de sua obra. Cássia ressalta que, no tratamento do psicótico, a criação artística possibilita a organização do mundo interior, que é caótico e atormenta a pessoa. Logo, a arte auxilia na descarga da tensão interna, apaziguando o sofrimento. “Eu vejo essa inserção de terapia ocupacional como uma tentativa de oferecer aos psicóticos uma possibilidade de expressão, de colocar ali na arte essa possibilidade de transformar em discurso pictórico essas forças que estão no mundo

interno do sujeito”, diz a professora.

Segundo Cássia, a arte não é feita com o intuito de que o psicótico se inscreva no mundo simbólico, mas é a forma de organizar o mundo interno através da expressão do delírio. Quem se preocupa em produzir algo para intervir na realidade é o neurótico, o que não significa que o psicótico não possa produzir nesse mergulho um grande discurso. “A relação com a realidade é diferente, os psicóticos já estão indiferentes a ela. A Nise vai despertar a importância desse espaço e oferecer a possibilidade de uma vida mais rica, dando uma chance de eles articularem, de alguma maneira, esse mundo interno”, explica.


O trabalho de Nise inspirou muitos outros projetos. É o caso de Vitor Pordeus, coordenador do Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Formado em medicina e ator, Pordeus transformou três enfermarias desativadas do antigo hospital psiquiátrico, onde hoje funciona o Instituto Nise da Silveira, em um espaço que encoraja a arte e a convivência. O “Hotel da Loucura”, como foi batizado, é um local de realização de oficinas, palestras e espetáculos dos quais os pacientes do hospital participam.

Em 2012, as paredes sem vida e descascadas da antiga ala psiquiátrica deram espaço a cores fortes e frases motivacionais. As janelas dos nove quartos foram enfeitadas com cortinas de estampas coloridas e salas se transformaram em biblioteca, ateliês e locais de meditação. Nesse espaço, Vitor promove espetáculos de teatro, que incluem a dança e o can-

to, onde os atores são os próprios pacientes. “Nesse processo, observamos o efeito radical que o teatro tem sobre os pacientes com esquizofrenia, psicose crônica, formas gravíssimas de doença mental. Eles cantam, dançam, participam, fazem cena e são regulares, participam de todas as oficinas por vontade própria. Temos casos que são mais regulares, mais presen-

tes, nas oficinas e espetáculos que os atores considerados saudáveis”, conta.

Para Vitor, a obra de arte, a expressão e os trabalhos feitos pelos pacientes são a própria revelação do mundo interno e a cura deles. O teatro “Dyonises”, como é chamado, é um tipo de teatro ritualístico, tradicional desde os gregos e os povos tribais antigos, que serve para

reconectar o paciente, a pessoa com a experiência coletiva, o jogo e a fantasia. “Com isso, expressamos nossa identidade profunda. Trabalhando com as pessoas que têm formas graves de doenças mentais, podemos acessar os símbolos do inconsciente coletivo, conforme demonstrou pela experiência da doutora Nise da Silveira, e nós confirmamos isso”, encerra. 

Nise - o coração da loucura

O filme Nise - o coração da loucura estreou no dia 21 de abril de 2016, com Glória Pires como protagonista. O longa, dirigido por Roberto Berliner, ganhou prêmios em festivais de cinema do Rio e de Tóquio, no Japão. A obra cinematográfica foi gravada no Instituto Nise da Silveira, no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, durante dois meses, onde foram descobertos artistas plásticos como Fernando Diniz, Lucio Noeman, Emydgio de Barros e Raphael Domingues. Eles também são personagens apresentados na trama como protagonistas da reabilitação pela arte. A narrativa gira em torno da revolução que Nise causou na psiquiatria após ser reintegrada ao serviço público e enviada ao Hospital Psiquiátrico Pedro II, hoje chamado de Instituto Municipal Nise da Silveira.

No filme, a médica explica que o ateliê deu aos pacientes a oportunidade de expressar-se através das artes plásticas, que se tornou um elemento reorganizador e auto-curativo. Os críticos de arte ficavam impressionados com a capacidade que os clientes – como Nise gostava de chamar as pessoas em tratamento – tinham de transformar o mundo interno em arte sem nenhum conhecimento técnico. Apesar de a esquizofrenia ser caracterizada pela perda da linguagem lógica, eles podiam se expressar por uma outra linguagem, dando forma às imagens do inconsciente. Os clientes começavam o tratamento fazendo pinturas abstratas e depois passavam a fazer coisas mais concretas como formas geométricas.



No filme Nise – O coração da Loucura, Glória Pires interpreta a psiquiatra que descobriu talentos dentro de



Cena do filme em que Nise analisa as imagens do inconsciente de seus clientes

Para saber mais

Trailer do filme Nise – O coração da loucura: https://www.youtube.com/watch?v=UeAUNvcM_xk

Teatro Dyonises: <https://www.youtube.com/watch?v=gTvpeNraUFA>

Hotel da Loucura: <https://www.facebook.com/hoteldaloucura/>

Nuvela: <http://upac.com.br/nuvela/>

As fantasias da paixão

JORNAL EXTRA



Quarteto de torcedores folclóricos cria Liga pela Paz

Movidos pela paixão, torcedores se caracterizam para incentivar o clube do coração

HUGO VILELA

Futebol é muito mais que um esporte, ou mesmo um estilo de vida: é uma metáfora da nova ordem mundial, com toda a sua complexidade. Os clubes de futebol espelham classes sociais e ideologias políticas e, frequentemente, inspiram uma devoção mais intensa que as religiões. É um esporte com interesses reais.

Bom humor, alegria, muita paixão pelo futebol e união. Essas são as armas de alguns torcedores para jogar ao lado do time. Além da animação, o colorido já faz parte das arquibancadas de estádios brasileiros. Com vestimentas que impressionam, alguns torcedores viram grandes personagens de

equipes e são alvo das lentes de câmeras.

Verdadeiros craques da arquibancada, esses torcedores garantem um show à parte. Criando um ambiente irreverente, e quebrando a grande tensão que envolve o jogo, esses personagens criam um elo com a equipe e com os outros amantes do clube. Durante os jogos, o público se diverte com as figuras representadas que, a todo instante, convida os outros torcedores para cantar os gritos da torcida.

No Rio, os fantasiados sem a "geral"

Eles ainda atraem as atenções, são alvos de câmeras fotográficas e arrancam sorrisos no rosto de quem os vê. Mas permanecem órfãos. Onze anos após o fechamento do setor mais popular do Maracanã, os geraldinos se adaptaram à realidade, descobriram novas formas de continuar assistindo aos jogos no estádio, mas não conseguem disfar-



Dona Zica e Mister M unidos por um espetáculo melhor no clássico



Em imagem do documentário Geraldinos, PM orienta torcedor fantasiado da personagem Emilia, criada por Monteiro Lobato, durante jogo do Flamengo

çar a melancolia ao falar da antiga casa.

“Não é a mesma coisa sem a geral. Não é pelo dinheiro. Lá era festa, alegria. Eu me sentia bem.” Recorda Maria de Lourdes Pereira, a “vovó tricolor”, que se emociona ao lembrar da antiga rotina que incluía chegar duas horas mais cedo no estádio, forrar o chão com uma bandeira do Fluminense e aguardar o início da partida comendo biscoito de polvilho.

Antes, próximo ao campo, agora, somente atrás do gol. Com o local onde ficava a geral transformado numa das áreas mais nobres da arquibancada, os geraldinos migraram para os setores Norte e Sul, os mais baratos, mas ainda assim longe do valor cobrado na geral, que custou R\$ 5 na última final de Estadual da sua história. “Hoje o Eurico me dá ingresso. No período do Dinamite, o pessoal das organizadas me colocava para dentro.” Conta José Pedro Santos, o Mister M, que marca presença em todos os jogos do Vasco.

O Anjo Rubro-Negro, Dona Zica, Mister “M”, Homem Peruca, Máskara Tricolor e Jarbas das Taças usam a alegria para combater a violência no futebol. Juntos, os quatro torcedores formam a Liga pela Paz. A iniciativa da liga é mobilizar o governo e os carnavalescos para preparar fantasias mais modernas. A ideia do grupo é levar ainda mais cores e animação para o estádio.

A preservação dos torcedores folclóricos no Maracanã é a outra batalha do quarteto. Sem a geral e cadeiras baratas, fica mais difícil estar em todos os jogos para animar. “A gente já faz parte da história do Maracanã. Não dá pra ficar fora agora”, defendeu Jarbas, botafoguense que vive vendendo

réplicas de taças da Copa do Mundo.

A luta pela paz entre as torcidas reflete a própria história dos quatro amigos: eles se conheceram nas disputas dos clássicos durante os anos. Por isso, o lema é “Adversário, sim. Inimigo, nunca”.

A moda da Copa no “padrão FIFA”

Em 30 de outubro de 2007 o Brasil foi confirmado como o país sede para a Copa do Mundo da Fifa, edição de 2014. Naquela data o Brasil recebia a honra, a distinção, o direito, mas principalmente o dever de realizar a Copa do Mundo masculina de futebol da Fifa. Inúmeras obras precisariam ocorrer em diferentes esferas para que o país se adequasse ao padrão exigido pela dona do evento. O chamado “padrão Fifa” passaria a ser uma obsessão dos dirigentes brasileiros em diferentes âmbitos.

As novas arenas inauguraram o novo século dos estádios no Brasil. Abriu um espetacular espaço ao torcedor, que ocupou as cadeiras como se estivesse num teatro de futebol. As novas arenas acabam inserindo os torcedores em situações diferentes das que existiam nos velhos estádios. O medo de tornar o estádio em algo frio era constante, porém, com a chegada da Copa do Mundo, a alegria foi contagiante e o colorido das torcidas, e o sorriso no rosto se tornaram o ponto forte.

O Brasil é um país conhecido por suas belezas naturais, pela diversidade cultural, animação e, também, criatividade de seu povo. Na Copa do Mundo de 2014, a moda de ir ao jogo fantasiado pegou. Os brasileiros e turistas desfilaram criativi-



O Anjinho rubro-negro no Maracanã



Francisco Moraes, torcedor do Flamengo ao lado de Zico

dade pelas ruas e avenidas e fizeram da Copa do Mundo um carnaval fora de época. Antes e depois dos jogos, as ruas do país foram coloridas e animadas.

Nos majestosos palcos do Mundial se viu de tudo um pouco. De personagem de programa humorístico na TV, super-herói e padre à cantora internacional. Até um papa brasileiro foi visto dando bênçãos, inclusive para argentinos.

A fantasia muda vidas

Uma saída para a depressão, um apelo contra a violência, uma conta bancária recheada mudaram a vida de torcedores que, desde a infância, já sentiam um amor autêntico e incondicional por suas equipes, mas que os faziam ser anônimos no meio da multidão que pula e grita na arquibancada.

Figurinhas carimbadas entre os seus, alguns torcedores foram além: viraram personagens, ficaram relativamente famosos e inflaram seus egos e em alguns casos, os próprios bolsos também. É o caso de Francisco Moraes, uma presença cativa nos treinos e jogos do Flamengo. Aos 74 anos, mais conhecido apenas por seu sobrenome e um dos torcedores mais assíduos dos jogos do Flamengo, com viagens para 73 países para acompanhar o rubro-negro e a seleção brasileira. Um feito que, segundo ele, já custou mais de US\$ 1 milhão, acumulado durante sua carreira como funcionário público e administrador de uma empresa de captação de recursos para investimentos.

“Isso não vai durar para sempre. Mas o Flamengo

está na minha essência, sou completamente apaixonado. E, enquanto puder, vou seguir fazendo o que faço desde 1968, que é seguir o Flamengo onde ele estiver”, diz Moraes.

“Se meu filho for casar na hora do jogo, ele vai ficar no altar. Não bate de frente com o Flamengo que você vai perder. Família, casamento... é tudo inegociável. Vai ter jogo do Flamengo, eu vou”. E Moraes, além de ir, conta tudo em seu site, onde relata suas experiências de torcedor muito conhecido entre os rubro-negros. “Sou um cara muito conhecido, e para mim isso é um ego fantástico (sic). Mas não misturo as coisas, não vivo do clube, não ganho nada”.

Outro grande ícone que teve sua vida modificada pelo seu personagem nas arquibancadas é Marcelo Nubia, que desde 2002 frequenta os jogos do Flamengo como o famoso Anjinho. Trajando uma túnica branca, asas cenográficas, óculos escuros e uma peruca branca. Sua figura atrai fotógrafos e cinegrafistas naturalmente, atrativo que acabou virando o ganha-pão do rubro-negro.

De personagem criado para pregar a paz nos estádios, Anjinho virou produto: chaveiros, camisetas e adesivos com sua imagem atrelado ao escudo do Flamengo são vendidas por onde ele passa, desde Vigário Geral, onde mora, até os vagões do Metrô que o levam até à entrada do Maracanã.

O Anjinho se aproxima dos jogadores, ganha ingressos e tem sua imagem divulgada pelo próprio departamento de marketing do clube, participando de gravações comerciais para divulgar o programa de sócio-torcedor. 🚗

Bate-bola com o Homem Peruca

Eclética - Nos últimos anos você virou um torcedor símbolo do Vasco. Mas quando e como começou essa paixão?

Homem Peruca - Essa paixão começou quando ainda estava na barriga da minha mãe. Não somos nós que escolhemos o Vasco, o Vasco é quem escolhe a gente.

Eclética - Qual a sua primeira lembrança como torcedor?

Homem Peruca - A minha primeira lembrança como torcedor é a conquista do Título Brasileiro de 1989. Naquele dia minha família estava toda reunida para uma grande festa, que começou e não teve hora para acabar.

Eclética - Quais estádios já visitou para assistir a jogos do Vasco?

Homem Peruca - No Rio de Janeiro, praticamente todos. Já fui ao Couto Pereira na final da Copa do Brasil, Mineirão, Pacaembu, Morumbi, Moisés Lucarelli, Estádio do Lanús na Argentina.

Eclética - Quando percebeu pela primeira vez que as pessoas passaram a reconhecê-lo como o "homem da



Homem Peruca mostrando em seu tablet uma frase que está presente no canto das torcidas cruzmaltinas

peruca nos gols do Vasco”?

Homem Peruca - Foi quando, em São Januário, as pessoas começaram me chamar no entorno do estádio, e pedir para tirarem fotos...

Eclética - Como é esse reconhecimento, especialmente das crianças? Já passou por alguma situação curiosa ou engraçada por causa da peruca?

Homem Peruca - De fato, o que

mais me gratifica é o reconhecimento das crianças. São o futuro do nosso clube. E não existe maior sinceridade, do que a sinceridade delas. Então fico muito feliz de se sentirem alegres quando me encontram. Situação engraçada aconteceu em Portugal. Fui assistir a um jogo no Estádio do Dragão, do Porto, com a peruca e a camisa do Vasco. As pessoas me olhavam e não entendiam bem o que estava acontecendo.

Para saber mais

Sobre o filme Geraldinos

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Geraldinos>

Melhores fantasias vistas na Copa do Mundo

<http://www.humordaterra.com/diversos/as-30-melhores-fantasias-de-torcedores-da-copa-do-mundo/>

Torcedores folclóricos visitando o Maracanã

<http://www.foxsports.com.br/videos/37801539538-torcedores-folcloricos-visitam-o-maracana>



A fantasia no outro

JOÃO LUCAS

Você já ouviu que a grama do vizinho é sempre mais verde? Esse comportamento pode ter raízes mais profundas do que você imagina

ALINNY MARTINS E REGINA JACK

Sempre fantasiamos o que não temos e quem não somos. Isso é mais recorrente do que imaginamos. “A fantasia é um mecanismo de defesa que proporciona uma satisfação ilusória para os desejos que não podem ser realizados”, é o que diz a psicóloga Gina Strozzi, professora na Universidade Presbiteriana Mackenzie e na Faculdade Teológica Batista de São Paulo, em entrevista à revista *Ultimato*. Atos cotidianos, como ler um livro com uma moral ou ver um filme de romance com final feliz, alimentam inconscientemente as fantasias de possuir uma vida perfeita, e isso pode ou não se tornar uma característica ruim. Por um lado, as fantasias que criamos podem nos motivar a buscar uma forma mais satisfatória de vida, dentro dos nossos gostos e emoções, por outro, elas podem produzir danos e confusões no nosso inconsciente. O perigoso é que captamos valores, conceitos e modelos de felicidade e satisfação de novelas e romances, de vidas de outras pessoas, que geram em nós grandes frus-



À esquerda está Niela em trajes comuns e à direita com trajes de cosplay

trações. E quando nos sentimos frustrados e reprimidos, tendemos a realimentar as fantasias. O ideal é que não deixemos que elas dominem nossa atividade real.

Uma das razões para essa devoção em relação ao “outro” se dá no processo de autorreconhecimento. Por convenção social, os seres humanos precisam reconhecer o comportamento do outro, assim como eles mesmos também precisam ser reconhecidos. “A expressão ‘falar para as paredes’, por exemplo, indica isto. É horrível falar e não ser escutado, nos sentimos diminuídos e excluídos do jogo social,” afirma Lígia Lana, pesquisadora do departamento de comunicação da PUC-Rio.

Desejar ser outro alguém – e até mesmo imitar um indivíduo

que já exista – é um desdobramento deste desejo de ser ouvido. São tomadas como referência um grupo seletivo de pessoas, socialmente julgadas como interessantes e boas o suficiente para merecer atenção. Assim, os indivíduos escolhem seguir um conjunto de valores específicos, baseados em uma experiência que não condiz com a própria.

E é por isso que muitos buscam a fama. Segundo Lígia, a fama, ao ser atribuída a algumas pessoas específicas, situa alguns em um patamar mais visível para o reconhecimento. Assim, ele nunca falará com as paredes, porque sempre haverá alguém para ouvi-los – principalmente nas redes sociais como o Snapchat e o YouTube. “Isto indica que o famoso possui atributos que merecem ser reconhecidos, eles

se tornam indivíduos singulares e mais dignos de atenção que os demais”, explica a pesquisadora.

O cover: quando a imitação se torna profissional

Cover é entendido como uma regravação de uma canção. Mas há também o entendimento de cover como banda. Muitos músicos tocam covers como forma de tributo a artistas e grupos musicais que já não existem mais – ou até mesmo que ainda existam mas que estão em uma realidade distante de nós. Além de tocarem as músicas, os vocalistas costumam usar roupas e se apresentar da mesma forma, ou o mais próximo possível, do cantor original. Ou seja, aquele que realiza esse trabalho fica em contato constante com a personalidade de uma outra pessoa.

Pedro Erthal tem 38 anos e, além de trabalhar com analista de sistemas na Fundação Oswaldo Cruz, zona norte do Rio de Janeiro, atua como músico há 20 anos. Para ele, a música não é um hobby, é uma segunda profissão, que já lhe serviu como única fonte de renda por muitas vezes. Sua primeira banda foi Música Urbana, que existe até hoje tocando um repertório de pop e rock das décadas de 1980 e 1990, e há 12 anos ele também é vocalista da banda Legião Urbana cover Mais do Mesmo. E mesmo interpretando por tantos anos o cantor e compositor Renato Russo nos palcos, vocalista da banda a qual ele faz cover, Pedro afirma que sabe discernir sua vida pessoal da artística.

O interesse pela música co-



Pedro em uma de suas apresentações

meçou quando Pedro ainda era criança. Filho da atriz Betty Erthal, ele conta que quando tinha 6 anos de idade sua mãe o levou numa visita à atriz Marieta Severo, amiga de trabalho que na época era casada com o cantor e compositor Chico Buarque. Ao chegar na casa, Chico levou Pedro para seu estúdio e começou a tocar trombone com ele. Foi nessa situação que Chico percebeu que Pedro tinha um ouvido absoluto, aspecto de quem consegue identificar notas musicais apenas ouvindo os sons dos instrumentos, e que só conhecia João Gilberto com tal característica, o cantor que foi um dos pioneiros da bossa nova na música popular brasileira.

Daí em diante, Betty incentivou muito o lado musical de seu filho.

E foi por ter visto um amigo tocar “índios” no violão, música da Legião Urbana, que, aos 9 anos, Pedro resolveu aprender a tocar o instrumento. Daí em diante, além de virar um fã da Legião Urbana, ele não largou mais a música.

Na banda Mais do Mesmo, Pedro acabou interpretando muitas vezes o cantor Renato Russo nos shows, e a atuação nunca foi forçada. Quando ele entra no palco, diz que sente estar fazendo o que mais gosta na vida, que é cantar e ter a proximidade com o público. O fato de ter estudado teatro quando novo e de ter acompanhado a trajetória da Legião Urbana, deu a ele uma familiaridade forte com o trabalho do Renato, e o fez entender os movimentos que o cantor re-

alizava em suas apresentações. “Muitas vezes, naturalmente me via assim, dançando aos 8 anos, quando nem conhecia a Legião, e já sentia essa liberdade de expressão nos movimentos dos braços”, diz Pedro.

Uma ação marcante de Pedro nas apresentações é cantar vestindo uma camisa parecida com a que Renato vestia nos shows da última turnê antes de sua morte, o Descobrimento do Brasil. Mas o ambiente cinematográfico do show e a roupa parecida não passam de uma homenagem e não interferem em nada na personalidade real de Pedro. “Eu uso a roupa como simbolismo. Ela é confortável, me sinto bem, e de certa forma, acaba remetendo um pouco à imagem dele. Para o público é legal, acho que tem tudo a ver. Ela não é idêntica, fiz algumas mudanças para adaptar ao meu estilo também.”

Pedro afirma que nunca teve problemas com o fato de viver por tantos anos atuando como Renato Russo. “Todo trabalho que faço com o *cover*, é uma grande homenagem ao nosso querido compositor Renato Russo. Jamais pensei em ocupar o lugar dele ou quis ser ele, mas tenho um enorme respeito por toda obra criada e por alguns pensamentos relatados em entrevistas.”

A fantasia ganha forma

A palavra, *cosplay* é formada pelas palavras inglesas *costume*, que significa fantasia, e *play*, que significa brincar. Ou seja, pode ser entendida como “brincar de

fantasia”. Mas fazer um *cosplay*, e com isso virar um *cosplayer*, não é somente vestir uma roupa, mas encarnar um personagem, seu jeito, suas poses, seu modo de falar, de se portar.

Especialistas dizem que o fato de *cosplayers* adotarem o perfil do personagem serviria como uma forma de busca por um bem-estar que ajudaria a manter o equilíbrio no dia a dia. No entanto, não são todas as pessoas que usam a fantasia para esconder alguma característica pessoal ou confundem sua personalidade com o daquele que está incorporando. Niela Bittencourt é jornalista e tem 27 anos. Desde 2011 ela atua como *cosplayer* como uma forma saudável de *hobby*.

Niela sempre gostou de desenhos japoneses. Durante sua adolescência, o movimento *cosplayer* ainda era pequeno, e foi em 2009 que ela começou a ir aos eventos que falavam sobre o assunto. Em 2011, organizou um evento do tipo na cidade e então resolveu tentar ser *cosplayer* e não parou mais. “É uma diversão”, ela diz.

Para Niela é divertido dar vida a um personagem, desde a confecção da fantasia até o uso nos eventos, quando conversa com fãs e interage com outros *cosplayers*. “Quando estou fantasiada, não sou aquele personagem, mas a Niela. Exijo respeito e reajo às situações como a Niela. Apenas brinco de ser aqueles personagens, com suas poses características, por exemplo.”

Ela afirma que não se trata de assumir uma personalidade que julga melhor que a sua, mas homenagear um personagem

que lhe diverte ou emociona ou que, apenas, considera bonito e imponente pelos seus trajes. Trata-se de uma interpretação temporária. “Não vivemos fantasiados. Trabalho oito horas por dia, tenho responsabilidades e necessidades. O *cosplay* é um *hobby*, um passatempo, uma brincadeira. É claro que é um *hobby* que eu levo a sério: quero sempre ser fiel ao que me proponho a fazer, mas não há sofrimento nisso.”

Muito além de um autógrafa

Para a pesquisadora Lígia Lana, o fã tem não só admiração, mas um sentimento de carinho por seu ídolo, podendo se empenhar nesta relação da mesma forma que o faz com pessoas conhecidas. Ao mesmo tempo, se convive com uma assimetria de emoções, já que o fã dedica seu tempo e amor sem receber nada em troca. “Quando amamos, esperamos ser correspondidos. O fã não tem esta expectativa. Acredito que pode haver alguma interferência na personalidade quando o fã não é capaz de diferenciar o amor que sente e manifesta pelo seu ídolo com o amor pelas demais pessoas”.

Para a comunicação, o mais relevante desse processo é a interação que ocorre entre ídolo e fã. É o que afirma a pesquisadora Lígia Lana, que completa: “O importante é não apenas observar um e o outro, mas perceber como são estabelecidos os laços entre fãs e ídolos, como esses laços são culturais e, portanto, em constante transformação”.

E é através da comunicação

que podemos entender a influência de celebridades virtuais *fitness*. Foi através das redes sociais que a estudante de jornalismo Marina Tepedino, de 21 anos, teve sua vida transformada. Ela foi diagnosticada com anorexia e precisou ficar três meses internada após seguir e copiar, sem orientações médicas, tudo o que via no Instagram, uma rede social voltada para compartilhamento de imagens. O exemplo? Mulheres que mantinham a boa forma e compartilhavam suas rotinas e hábitos alimentares saudáveis, como Carol Buffara (505 mil seguidores) e Gabriela Pugliesi (2.4 milhões de seguidores).

A tendência de seguir páginas de pessoas *fitness* começou em 2012. Isso fez surgir a chamada “Geração Fitness”, um grupo de seguidores que realiza um movimento virtual composto por fotos e *hashtags* – símbolo que categoriza os conteúdos publicados nas redes sociais –, para se atingir um corpo sadio e sarado. A inspiração para esse corpo, visto como perfeito, são perfis de mulheres que compartilham seu estilo de vida repleto de exercícios físicos e alimentos saudáveis.

Entre 2013 e 2014, Marina passava por uma fase insatisfeita com seu corpo e com alguns aspectos de sua vida pessoal. Ela acreditava que sua vida era sem graça e que se fizesse tudo como as modelos postavam em suas páginas ela teria uma vida mais realizada. Foi então que Marina começou a seguir fielmente musas *fitness* e corredoras, como as já citadas Carol e Gabriela, além de



À esquerda está Marina com 37kg e à direita ela já recuperada do trauma alimentar

outras como Debora Aquino e Daniela Sabino. A intenção de Marina era ter o corpo e a vida que essas musas mostravam em suas páginas: perfeitos. Ela acreditava que os exercícios e a alimentação regrada que postavam iriam modificar seu corpo, tornando-a uma pessoa mais feliz, além de mais aceita pela sociedade.

No entanto, aos poucos o exercício foi tomando conta de sua vida e se transformou em um vício. A obsessão de Marina por ter um corpo como o dessas modelos *fitness* a fez viver em um mundo fantasioso, onde toda sua felicidade e realização pessoal estariam fundamentadas na imitação sem escrúpulos daquele estilo de vida. Isso resultou na perda do comando de seu corpo e sua mente. Marina conta que não conseguia mais ter autocontrole: “Eu fazia mais de 3 horas por dia [de exercício], fora as diversas vezes

que, mesmo sem o aval médico, ia para academia ou correr na rua escondida. Com isso, fui diagnosticada com anorexia e fiquei internada por 3 meses”.

O auge da obsessão foi quando Marina atingiu 37 quilos quando tinha 19 anos. Durante sua internação, ela conta que ia ao banheiro do hospital, mesmo sem forças, para fazer exercícios escondido dos médicos e de seus familiares. Sua maior vontade era se “superar a cada dia e mostrar a todos que era capaz de chegar onde queria”, no corpo perfeito.

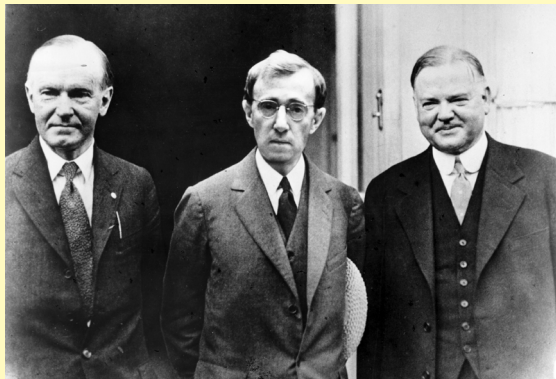
Após passar por toda essa experiência, Marina acredita que cada um tem a sua própria vida, todos com suas qualidades e defeitos, e que é impossível ser igual a alguém. “Sou pessoa bem resolvida e não tenho a mínima vontade de ter a vida delas ou de qualquer outra pessoa. Sou feliz e me aceito mais a cada dia.” 📖

Amor de fã tem idade?

Lígia Lana, pesquisadora do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, conta que a juventude é uma fase da vida investida de significados culturais que ressaltam a experimentação, a liberdade e a busca pela identidade. A cultura das celebridades relaciona-se com o público jovem. Ainda segundo ela, a existência do cosplayer é fundamental para a consolidação da imagem da celebridade/do personagem, porque indica que ele possui fãs. "O fã representa que o reconhecimento do ídolo é perpassado pelo amor, que implica devoção. Para os jovens, é mais aceitável a demonstração desse amor», pontua a pesquisadora.



Zelig: o homem camaleão



Woody Allen numa cena de seu filme Zelig

Vale a pena conferir o filme Zelig, 1983, do diretor cinematográfico Woody Allen. No longa-metragem, o diretor, que também interpreta o protagonista da história, constrói um falso documentário ambientado na década de 1920, que fala a respeito de Leonard Zelig, o "Homem Camaleão". Zelig é um rapaz que se acha extremamente desinteressante e tem medo de ser rejeitado socialmente. Então, para não se sentir deslocado, ele desenvolve uma estranha capacidade de transformar sua aparência e personalidade para que sejam iguais aos das pessoas que o cercam. O caso intriga psicólogos, psiquiatras e neurologistas que não conseguem chegar a um diagnóstico.

Celebridades mais seguidas do Instagram: nacionais e internacionais

Celebridades	Nº de seguidores em milhão
Neymar	47,8
Bruna Marquezine	14,1
David Luiz	13
Ronaldinho Gaúcho	12,9
Anitta	12,5
Marcelo Vieira	10,8
Ivete Sangalo	10,8
Tatá Werneck	10,2
Thiago Silva	9,3
Daniel Alves	9,2

Celebridades	Nº de seguidores em milhão
Selena Gomez	76,2
Taylor Swift	74,8
Ariana Grande	69,4
Beyonce	68,5
Kim Kardashian	67,9
Justin Bieber	66,1
Kylie Jenner	59
Kendall Jenner	55,2
Nicki Minaj	55,2
Khloe Kardashian	47,3

- PESQUISA REALIZADA EM ABRIL DE 2016

- O BRASIL TEM UMA POPULAÇÃO DE 204.450.649 HABITANTES, SEGUNDO DADOS DO IBGE DE JULHO DE 2015

Carteira assinada pela fantasia

As histórias de pessoas que têm a imaginação como instrumento de trabalho, as marcas da profissão no inconsciente dos profissionais e a realidade legal

ALINE SOARES E ANA PATRICIA PAIVA

Criar, encantar, convencer, iludir. Trabalhar com a fantasia, tanto figurino, quanto desempenho artístico, e fazer dela ganha-pão é um desafio encarado por muitos. Por mais que seja inusitado ter a magia e a ilusão como instrumento de trabalho, tais práticas são mais longínquas do que se pode imaginar. O registro mais antigo de uma apresentação de magia, por exemplo, está em um papiro egípcio escrito por volta de 2000 a.C, que conta sobre um mágico chamado Dedi, e relata seu desempenho diante da corte do faraó Quéops.

Com o tempo, vieram os *covers*, atores performáticos que se dedicam a imitar com o maior grau de identidade possível personagens como Michael Jackson, Elvis ou Madonna. Alguns recorrem a meios cirúrgicos para que a semelhança seja mais próxima. O que seria da Disney sem as pessoas que trabalham personificando seres mágicos como príncipes e princesas? Impossível pensar em fantasia como fonte de renda e não ligá-la àquilo que o Rio tem de fantástico: o Carnaval.

Carnavalescos, coreógrafos, estilistas, designers, todos com o objetivo de dar vida à imaginação. Nesta carreira que requer talento, acima de tudo, grande parte do sucesso ou fracasso é questão de sorte. Para esses profissionais, que precisam ser criativos o tempo todo, é necessária mais imaginação ainda nos momentos não tão lucrativos.

SONHO A DOIS FILMES



O mágico Fíni fazendo a alegria da criançada em uma festa infantil

A magia de tirar o sustento da cartola

Há 13 anos, a magia era parte fundamental da vida de Fulano de tal. Fulano começou a encantar o público nas ruas do centro do Rio. “Largo da Carioca, Lapa. Comecei a fazer algumas coisas ali, sem remuneração, como um *hobby*”. Na época, o futuro mágico trabalhava como *office-boy* em uma empresa. Com o tempo, ele percebeu que era possível ganhar dinheiro com a magia. Fulano ascendeu nos cargos da empresa, de *office-boy* à assistente contábil, ingressou na faculdade, mas nunca parou com a magia: “Final de semana com a magia e dia de semana na empresa”.

Fulano ainda relata como ingressou de fato na carreira de mágico: “Eu trabalhava em uma feira e um homem me assistia como um espectador normal. Na hora de ir embora, peguei minhas coisas e saí do tumulto. Quando olhei para trás, o tal homem me seguia de bicicleta. Ele chegou perto de mim e disse “mágico, perdeu, me dá, é um assalto, vamos senão eu vou te matar”. Abaixei



Quando era cover do Michael Jackson, Rodrigo levava horas para se caracterizar como o personagem

a mala e peguei o celular para entregar ao assaltante. Neste instante, ele colocou as mãos no guidão da bicicleta. Na minha mão direita só tinha o tripé que eu usava nos shows, e foi com ele mesmo que eu bati no cara. Caiu ele, arma, bicicleta. Depois disso eu não voltei mais para a rua e comecei a fazer shows. Este foi o pontapé inicial, um assalto malsucedido. Que bom!”

Por um tempo, Fulano continuou trabalhando e fazendo shows. No começo era bem devagar, não havia muita divulgação, nem muitos meios de comunicação. O Orkut, por exemplo, ainda estava surgindo. Quando começou a fazer de 20 a 25 shows por mês, o mágico pediu demissão da empresa em que trabalhava. “Hoje eu sou o Mágico Fíni e vivo da mágica, faço em média 40 a 45 shows por mês”, declarou.

Todo mundo é capaz de fazer mágica, de iludir, mas se tornar, de fato, mágico requer muito estudo. Não só na habilidade manual, como também no que se fala, no olhar, nos gestos, todo detalhe conta e muito. Segundo Fulano, a maior dificuldade da profissão é trabalhar com um público desconhecido. “Eu não sei o que eles vão falar, qual vai ser a reação. Mais difícil é manter um show tendo que apresentar para diversas classes sociais. É preciso mudar o jeito de falar, em um local mais carente é preciso falar de uma forma mais simples. O falar é muito importante na mágica. Se não fa-

lar o que pretende, a mágica não sai”.

Mesmo assim, a profissão do mágico no Brasil ainda não é bem vista. Não há a possibilidade de ter emprego com carteira assinada, a não ser que seja contratado por alguma empresa. Não há sindicato, nem direitos trabalhistas. “O próprio mágico tem que se conscientizar de que é preciso pagar autonomia. Eu faço parte do Microempreendedor Individual (MEI) há cinco anos. A aposentadoria do mágico tem que ser pelo que ele fez durante a vida”.

Fulano declarou que o mágico precisa aproveitar a época boa e investir os ganhos da profissão pensando no futuro. “Não só o mágico, mas qualquer artista. O sucesso vem, se a pessoa não administrar, ele vai e você fica fora do mercado”.

O moonwalk da carreira de Rodrigo Soares

Desde os 12 anos, Rodrigo Soares se apresenta como *cover* do rei do pop Michael Jackson. Ele começou com performances na escola, em festivais, concursos culturais e chegou aos palcos da Rede Record, nomeado *cover* oficial do Michael em rede nacional. “Mas chegou o momento em que eu não vi mais expectativas nesse trabalho”, contou o *cover*. Imitar o rei por tanto tempo fez com que as pessoas relacionassem a figura de Rodrigo ao cantor, sem perceberem que existia alguém ali com vida e personalidade próprias. Hoje, Rodrigo constrói a própria carreira como DJ e afirma “não quero mais ficar na sombra de um artista”.

Rodrigo declarou que o trabalho de *cover* tem tempo limitado, ele é, na verdade, uma espécie de escada para outro trabalho. Nos anos 1990, Alessandro Ramos ocupava o lugar de *cover* oficial do Michael Jackson, mas entendeu que não viveria disto para sempre. “Ele era impecável como *cover* do Michael, hoje é ator de teatro e comerciais de TV. Seguiu o destino dele como Alessandro, tanto que hoje ninguém mais o vê como Michael”, contou Rodrigo.

No Brasil, o trabalho como *cover* é pouco valorizado. Poucos são os casos de atores performáticos que conseguiram um bom empresário e fizeram grandes espetáculos. Rodrigo não foi um deles. Segundo ele, o trabalho já se resumia a pequenas festas e o prazer de imitar o Michael havia se esgotado. “Chegou um momento na minha vida que eu estava fazendo eventos apenas pelo dinheiro. Não amava mais fa-

zer aquele personagem, levantar cedo para ensaiar o dia inteiro, produzir figurino”.

A falta de reconhecimento ao trabalho de imitador se refletia nas condições em que Rodrigo se apresentava. “Às vezes nós chegávamos a um evento, nem camarim tinha. O contratante nos jogava em um banheiro sujo, molhado. É o tratamento que eles dão”. As desmotivações fizeram com que a qualidade do trabalho de Rodrigo começasse a decair. “Eu acabei perdendo o ritmo, engordei um pouco, para fazer o Michael é preciso ter um corpo de mais ou menos 70 quilos. É como um jogador de futebol. Quando ele chega aos 35, 36 anos, já começa a não ser mais a mesma coisa”. O DJ afirmou que o cachê não era ruim, mesmo em pequenas apresentações. Mesmo assim, ele não aguentou mais e decidiu construir a carreira dele como DJ, não mais como Michael.

E como num passe de mágica...

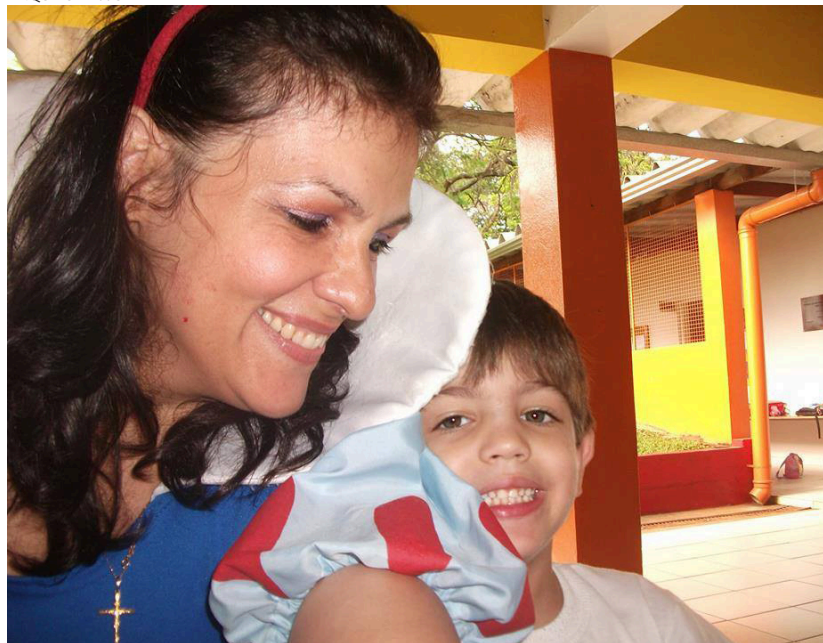
De funcionária pública a princesa. Essa foi a transformação da vida de Denise May Pachel, de 48 anos, moradora da cidade de Americana, interior de São Paulo. A paulista passava por uma fase difícil de sua vida, após seu marido falecer. Até que em agosto de 2012, ao andar na rua com seu filho foi abordada por um locutor de uma loja. “Ele ofereceu pirulito ao meu filho e me perguntou se eu queria trabalhar me vestindo de Branca de Neve na Festa do Morango que acontece aqui na cidade”.

Denise não aceitou o convite na hora, mas pegou o contato do rapaz, e no dia seguinte ligou para aceitar o trabalho. No escritório do locutor, conhecido como Matraka, combinou os horários, os dias que ela iria trabalhar e o cachê. Levou a fantasia para casa e quando provou o vestido não teve dúvidas.

“Na hora me deu um estalo. Como se eu estivesse me sentindo a Branca de Neve mesmo, como se tivesse incorporado em mim aquele personagem. Cheguei em casa e me senti iluminada! Sim, como se um anjo tivesse atravessado o meu caminho para amenizar a dor que eu sentia durante meses em razão da viuvez”, lembra Denise emocionada.

Danise trabalhou durante 10 dias como Branca de Neve nesse evento da Festa dos Morangos, em Americana. Ela conta que umas das coisas mais difíceis foi ter que ficar longe do seu filho, que na época tinha três anos. Ele passou a dormir na casa da avó paterna.

ARQUIVO PESSOAL



Denise May Pachel em festa como princesa

Ao chegar no evento e botar a fantasia, Denise descreve com detalhes a sensação que teve: “A sensação foi incrível! Eu me sentia mesmo a Branca de Neve. Foi indescritível! As crianças me olhavam maravilhadas, principalmente as meninas. Ficavam paralisadas e quando eu me abaixava e abria os braços para abraçá-las, elas vinham correndo em minha direção. Era como se elas achassem que eu não era real. E eu me sentia um pouco assim também. Deixei aflorar em mim toda a magia que se tem quando se é criança. Foi a primeira vez na vida que vesti uma fantasia. Eu nunca tive uma infância mágica, de princesas e etc. Vivi uma dualidade. Naquele momento eu era a princesa para as crianças, mas também para a criança que mora dentro do meu coração”.

Durante esse período que Denise trabalhou como princesa ela trocou telefones e conheceu muita gente, e o Matraka a indicava para outros trabalhos. Mas os dois também passaram a trabalhar juntos, já que ele também se fantasiava, só que de palhaço. Hoje, ela trabalha sozinha, mas também em parceria com o Matraka, em lojas ou em festas. Eles oferecem pacotes de animação e outros serviços, como pintura facial, mágicas, brincadeiras com as crianças e adultos, cama elástica, pipoca, etc.

Foi em 2014 que Branca, como gosta de ser chamada, percebeu que aquela atividade divertida e lúdica poderia ser a profissão que pagaria suas



Ala dos Ursinhos, Unidos da Tijuca, desfile de 2008

contas. E de funcionária pública municipal, passou a se dedicar exclusivamente a ser princesa. Assim, como num passe de mágica.

“Quando vi que os olhos das meninas brilhavam por minha causa e quando percebi que os pais ficavam felizes em ver a reação de seus filhos, eu tive a certeza de que estava no caminho certo. Eu poderia transformar aquele acaso num trabalho muito gratificante e bonito. Eu acho que não importa o que você faz na sua vida. Se você fizer com prazer e se sentir realizada vendo as pessoas felizes com o seu trabalho isso é o mais importante, e você consegue fazer qualquer coisa como profissão para trazer um retorno financeiro, ou retorno pessoal”, declara.

A princesa encanta todas as idades e isso mexe com o imaginário das pessoas. Denise conta que embora as crianças tenham consciência de que princesa não existe, e que ela é uma mulher com uma fantasia de princesa, ela sente um clima diferente, um clima irreal. “A gente precisa sair da realidade e interagir com o mundo imaginário”, completa.

Mas como nem tudo é fantasia, ela diz que a desvantagem do seu trabalho é ele ser informal e

por conta disso pode haver transtornos em relação ao pagamento, ou a horários de permanência dela nas festas. Para evitar dor de cabeça, ela deixa tudo combinado por escrito. “Somente assim tenho o direito de exigir aquilo que combinamos. Hoje em dia, infelizmente, não podemos confiar na palavra das pessoas. Mas trabalho é trabalho”, conta. Outro problema recorrente na profissão de Denise é quando as pessoas desmarcam as festas. Ela diz que isso é muito comum, e, no dia em que a festa é desmarcada, ela não ganha nada. O lado bom, segundo ela, é o fato de não ter vínculo empregatício, ou seja, ela faz o seu horário, e é independente. “Isso é bom demais”, comemora.

A fantasia ganha vida no Carnaval

Nos desfiles de escolas de samba, vemos as alas, as pessoas dançando juntas, algumas dramatizando, e não pensamos no trabalho que há por trás para sincronizar todas aquelas pessoas. Há 10 anos, Eduardo e Roberto conhecidos como os Ursinhos, produzem um evento GLS chamado Festa dos Ursos, do qual Eduardo é DJ.

A escola de samba Unidos da Tijuca, em 2008, desfilou com o samba enredo “vou juntando o que eu quiser, minha mania vale ouro, sou Tijuca, trago a arte colecionando o meu tesouro” e abordou a temática da coleção. Uma das alas era sobre coleção de ursinhos de pelúcia onde desfilariam 100 homossexuais. “Sabendo que eu e o Roberto éramos organizadores desta festa do urso, a Unidos nos convidou para fazer parte desta ala como donos e coreógrafos”, contou Eduardo. Assim, a dupla começou a dar vida à criação. Os cem ursinhos desfilaram e renderam para Edu e Beto o prêmio de melhor ala. “Dali para frente tudo começou, de um trabalho vieram mais dois, três. Hoje nós trabalhamos para nove escolas de samba”.

Ter o Carnaval como calendário não confere muita estabilidade à profissão. São profissionais liberais e trabalham sob contrato. Cada contrato vale até o término do Carnaval, sucedido por um período de férias, até que um novo contrato seja acordado para o ano seguinte. “O Carnaval terminou em meados de fevereiro, algumas escolas lançaram os enredos do próximo ano. Lá para junho, julho, começa o desmonta, e em agosto começa a montagem para 2017. Na mesma época começa o corte de samba, as criações do carnavalesco e, de acordo com elas, nós começamos a escolher os componentes com perfil de cada ala que o carnavalesco escolheu. Nós temos a responsabilidade de colocar o perfil que ele escolhe. Cada carro, cada ala, cada coisa que ele cria, a gente pesquisa e começa a montar a parte teatral com a coreografia, junto com as pessoas”, finaliza.

Não é hobby, é profissão

Cada um desses personagens (princesa, mágico, ursinhos) teve uma razão única para embarcar nessa aventura do mundo da fantasia: a necessidade de ganhar dinheiro. Mas as formas de como conseguir isso são diversas. Para o psicólogo e psicanalista Carlos Eduardo Leal, não se pode comparar o caso de um coreógrafo a um palhaço que vai animar uma festa infantil. Isso porque há uma relação de identificação do personagem com o sujeito da vida real. “Saber separar o que é realidade e o que é fantasia é poder saber transitar nas duas áreas sem se perder. E isto serve para quem faz arte de uma maneira geral.”

“Que mulher não queria ser uma princesa um

dia?”, afirmou anteriormente a princesa Denise May Pachel. Não só ela, mas muitas mulheres já pensaram isso alguma vez. Nos dias de hoje, a vida é corrida e as mulheres têm que se multiplicar para dar conta das obrigações diárias. Especialmente em uma sociedade que ainda é machista e sexista. E mais que isso, também é homofóbica. Machismo, preconceito e intolerância fazem parte, infelizmente, do universo desses personagens e a fantasia pode ser uma válvula de escape. “Desde que o mundo é mundo as máscaras servem para encobrir uma realidade em geral, insuportável (fuga desta realidade) ou para fingir ser quem não é (pode ser um personagem *fake* ou um ídolo)”, explica Leal.

A função da tal válvula da fantasia é mais extensa que parece. Ainda de acordo com Carlos Eduardo Leal, que é doutor em Psicologia Clínica, a fantasia nos remete ao infantil: “por uma defesa contra uma dura realidade ou meramente por uma questão lúdica e com o que há de infantil dentro de cada um de nós”.

Mas é preciso ficar atento ao lado mágico da fantasia porque nem tudo é sonho. A partir do momento que essa prática se torna uma repetição, é sinal de obsessão. Assim como uma pessoa que é obcecada pelo trabalho – *workholic*, ou alguém que está maluca por outra – *paixão patológica*. “É a monotonia da repetição que é o índice para sabermos quando um sujeito está obcecado pela sua fantasia”, alerta Leal.

Nesses casos, o psicanalista explica que o tratamento não é único porque para a psicanálise “cada caso é um caso”. Não há uma chave que se aplica a qualquer modelo, isso porque cada sujeito possui uma história de vida pessoal e que deve ser levada em conta.

Não é o caso dos nossos personagens apresentados nos perfis acima. Pelo fato da renda ser o princípio motivador das imitações. Ou seja, se fantasiar é uma profissão como qualquer outra, e não um *hobby*.

A fantasia na realidade legal

No caso específico dos nossos personagens que trabalham com fantasia, eles são autônomos. Ou seja, não são contratados no regime CLT. Eles trabalham por conta própria, são seus próprios patrões. A parte boa é que eles fazem seus próprios

horários, têm mais flexibilidade e determinam suas folgas. Essas são algumas das vantagens. Mas para o especialista em direito do trabalho e professor de Legislação Social, Job Eloisio Gomes, isso pode ser prejudicial, caso o trabalhador não tenha disciplina e se não for organizado. “Ele tem que estabelecer uma meta, se não o que era para ser usado a favor do trabalhador, pode ser usado como desculpa para não trabalhar.”

O profissional que é autônomo tem que se planejar para não ficar sem dinheiro. Isso porque eles ganham por trabalho. “Eles não têm o 13º, eles fazem o próprio 13º salário”. Ou seja, é preciso fazer reservas ao longo do ano para terem o valor do salário “do mês 13”.

O trabalhador autônomo pode contribuir para o INSS e terá direitos como aposentadoria por invalidez, por idade, por tempo de contribuição, aposentadoria especial, auxílio-doença, auxílio-maternidade, auxílio-reclusão e pensão por mortes. Todos esses direitos estão garantidos na Lei nº 8.213/91.

Para Job, é essencial que o trabalhador sem carteira assinada contribua para o INSS: “É uma garantia para essa pessoa e para a família dela. Só assim ela pode trabalhar despreocupada porque você sabe que terá todos os seus direitos garantidos, caso venha acontecer algum sinistro com você. Vale muito mais pagar aquela taxa mensal para o INSS”.

O cálculo da aposentadoria é feito a partir do valor médio das 80% maiores contribuições que o trabalhador fez para a previdência. O valor da aposentadoria pode variar entre R\$ 788,00 e R\$ 4.663,00. Se alguém já trabalha desde cedo, como é o caso de Alessandro Ramos, ex- dublê de Michael Jackson, pode sim, contribuir como autônomo. Job Gomes diz que a idade mínima é 16 anos, mas caso a pessoa quiser contribuir mais cedo, pode ser a partir dos 14, na condição de contribuinte facultativo. “O trabalho tem que ser feito acima de tudo dentro de todos os parâmetros legais e que garantam os direitos do trabalhador”, afirma Job. 🏠

Fantasia que deram certo

Blue Man Group

- Há 29 anos, três amigos fundaram um dos grupos de apresentações artísticas mais famosas do mundo. Três integrantes com uma fantasia muito peculiar – eles usam roupas pretas sobre seus corpos azuis, cor dada através de uma tinta látex azul – trazem em seus shows performances de músicas instrumentais a esquetes de comédia e experiência multimídia.
- A proposta é promover uma experiência única para a plateia. Suas ações podem ser consideradas um reflexo de características estereotipadas do ser humano. A atuação bem-humorada e energética do grupo já foi vista por mais de 25 milhões de pessoas em todo o mundo. Em 2013, o Blue Man Group se apresentou no Carnaval carioca, junto com o HYPERLINK “<https://pt.wikipedia.org/wiki/Monobloco>” \o “Monobloco” Monobloco. Os pintados são exemplo de sucesso.



Mister M



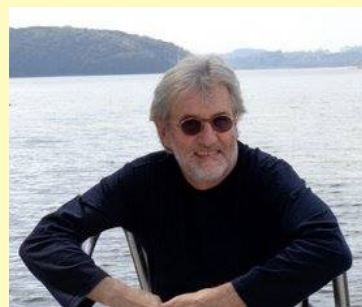
Val Valentino, o famoso ator e ilusionista americano Mister M, é conhecido por sua fantasia. Roupas toda preta e máscara preta com listras brancas reforça seu ar de mistério. O ilusionista ficou conhecido aqui no Brasil depois de revelar os truques de mágicas em um quadro no programa dominical Fantástico, da Rede Globo, em 1999. Essas revelações renderam alguns processos judiciais para a emissora. A identidade de Valentino foi revelada somente depois de alguns anos de profissão. Enquanto isso, sua fantasia e atuação lhe traziam fama e dinheiro.

“O Eu é feito de pedaços dos outros.”

BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS (2007)

Professor de redação publicitária e de técnicas de comunicação da PUC-Rio, Luiz Fernando Favilla é exemplo de dupla personalidade. De um lado está o professor Favilla que dá nota, que participa de reuniões de professores, que trabalha. Mas dentro dele mora um “menino maluquinho”: o Luizinho. Conhecido por seus alunos, o Luizinho, é um personagem que o professor criou para tentar se desligar da seriedade do cotidiano. “Ora, se a nossa existência se faz nesse eterno palco e trocamos camaleonicamente os papéis em função do momento que estamos a viver, arte e vida talvez se misturem o tempo todo”, afirma o professor Favilla. “Os profissionais da fantasia, artistas em geral, cuja fonte de renda para subsistência depende de críveis atuações capazes de encantar quaisquer plateias, talvez vivam mais intensamente essa dicotomia. Mas isso não significa que tenham necessariamente múltiplas personalidades”, declara Favilla sobre os profissionais da fantasia. Ele citou o sociólogo norte-americano Erving Goffman (2009) que em seu livro *A representação do eu na vida cotidiana* escreveu que “grande parte do comportamento cotidiano é semelhante aos atores no palco, sendo que os indivíduos e os grupos estão constantemente representando uns para os outros” e o poeta Affonso Romano de Santana, que ensina que “fantasia e realidade se acrescentam”. No fundo, todos nós vivemos essa dualidade interna. “Todos somos plurais”. Seria o professor o Luiz Favilla ou Luizinho? Seria você, você mesmo, ou um outro você? “Noventa por cento do que eu escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira”. Manoel de Barros.

Eu, por exemplo, Sou carioca
Bem resolvido
Sou criativo
Bem humorado
Sou fraterno
De bem com a vida
Acredito no sorriso
Na amizade
Ainda tenho fé na humanidade
Sou Buziano
Sou Serrano
Trabalhador
Sou otimista
Creio no amor
Sou realista
Não temo a morte
Ético e responsável
Sou profissional de sorte
Amável, sorridente e triste
Equilibrista
Sou artista
Todo dia é dia de show
Sou o que sou
E dentro de mim
Mora um menino maluquinho
O Luizinho
Traquina, travesso, alegre
Que semeia amizade pelos caminhos.



LUIZ FAVILLA

Para saber mais

Para mais informações, acesse nossa biblioteca virtual complementar: <https://www.facebook.com/Carreira-assinada-pela-fantasia> (Acesso em 4/maio/2016)

<https://www.youtube.com/watch?v=FWCYwOBbVtk> (Acesso em 26 de abril de 2016).

Mágico Fini - Show infantil (Acesso em 1/maio/2016).

<https://www.youtube.com/watch?v=ZOYu1HD7hns> (Acesso em 26 de abril de 2016).

Mágico Fini - Mágicas e humor (Acesso em 1/maio/2016).

<https://www.youtube.com/watch?v=lvaDtV3oByI> (Acesso em 26/abril/2016).

Rodrigo Jam - The Drill / They Don't Care About Us / Jam "Solo"

<https://www.youtube.com/watch?v=hwD6v3Fdy3g> (Acesso em 26/abril/2016).

Rodrigo Teaser & LaVelle Smith Jr - Black or Write - Tributo ao Rei do Pop

HYPERSLINK "<https://www.youtube.com/watch?v=iYA4n1O1HVk>" <https://www.youtube.com/watch?v=iYA4n1O1HVk>

Ala dos ursinhos, Unidos da Tijuca, 2008 (Acesso em 1/maio/2016).